



SESQUICENTENÁRIO DO COMBATE DO SEIVAL, O BERÇO DA REPÚBLICA BRASILEIRA

Claudio Moreira Bento

No curso da História do Brasil identifica-se a idéia republicana em inúmeras manifestações políticas e culturais. Assim como hoje nos preparamos para as comemorações do Centenário da Proclamação da República, reconhecendo que ela foi um grande passo no aperfeiçoamento das instituições, não devemos deixar de ressaltar também as heranças positivas do Império, dentre as quais a nossa tão decantada unidade nacional.

Vê-se, portanto, que a República veio no devido tempo, porque, se prematura, comprometeria nossa grandeza e nossa unidade. Este artigo do Cel CLAUDIO MOREIRA BENTO, Chefe da Comissão de Pesquisa História Básica de A DEFESA NACIONAL, mostra que, em 1836, estava-se formando concretamente a base histórica nacional para o 15 de Novembro de 1889, uma perspectiva digna de um historiador como ele. Por mais forte razão está a DEFESA NACIONAL dentro do espírito da Diretriz para as Atividades Culturais do Exército, quinquênio 1986/1990 (Portaria Ministerial 1130 de 26-11-1985), em um dos seus objetivos: "Participar de forma expressiva nas atividades comemorativas do Centenário da República Brasileira".

Em 10 de setembro de 1986 transcorre o Sesquicentenário da mais importante vitória farroupilha, no combate do Seival, vitória obtida por forças ao comando do coronel da Guarda Nacional Antônio de Sou-

za Netto, contra forças imperiais, ao comando do tenente coronel João da Silva Tavares, então o maior esteio do Império e a única reação armada significativa à Revolução, em 20 de setembro de 1835.

O combate tomou este nome por ter sido travado na coxilha do Seival, junto às pontas do arroio de mesmo nome, afluente do arroio Candiota, no atual Município de Bagé, situada na altura do km 178 a BR 293 (Pelotas-Bagé).

O nome Seival adveio de arvoredos existentes no local, caracterizado por produzir bastante seiva¹, segundo Tarcísio Taborda, também um dos biógrafos do coronel Silva Tavares. Para outros de uma plantação de seibos, chamada em conjunto Seival.

A vitória do Seival que considero o mais brilhante feito das armas farrapas durante o Decênio Heróico, teve lugar num dos momentos mais críticos da Revolução Farroupilha.

Ou seja, depois de Porto Alegre haver retornado ao Império, em 15 de junho de 1836, com a prisão do Governo Revolucionário da Província, que foi enviado preso para o Rio, e do levantamento do bloqueio naval farrapo de Porto Alegre, em 23 de agosto de 1836, que havia sido estabelecido na entrada do Guaíba, com apoio nos fortes Itapuã e Junco e uma esquadilha farrapa neutralizada neste dia, segundo Moacyr Flores².

Completo a criticidade do momento, a derrota da Divisão do Centro, ao comando de Bento Gonçalves, na ilha do Fanfa, em 4 de outubro de 1836, do que decorreu sua prisão e envio preso para o Rio de Janeiro e depois Bahia.

Reveses que obrigaram, pelas manobras do coronel Bento Manoel Ribeiro, a serviço do Impé-

rio, a ser levantada toda a concentração farrapa em Pelotas, ao comando do major João Manoel Lima e Silva, Comandante-das-Armas da Revolução, depois de uma tentativa repelida, em 22 de julho de 1836, de conquistar a cidade de Rio Grande, então sede do Governo Provincial exercido por Delegado do Império rio-grandense Dr. Araújo Ribeiro³.

Assim, neste quadro extremamente adverso, Seival foi providencial por sua retumbância, para alimentar as esperanças combalidas dos revolucionários e provocar apreensões ao Império. Seival criou condições para a Proclamação da República Rio-Grandense pelo coronel Antônio de Souza Netto, na madrugada do dia seguinte, no campo de Joaquim Meneses, junto ao passo das Pedras, à margem esquerda do Jaguarão, atual região da estação Santa Rosa, na ferrovia Bagé-Pelotas, segundo o general Calvet Fagundes⁴.

Proclamação da República Rio-Grandense que por sua vez animou a luta até a paz honrosa de Ponche Verde, em 1º de março de 1845, obra de rara sensibilidade e engenharia político-militar que consagrou, aquele tempo, o Duque de Caxias, com o honroso título de Pacificador, além de transformar antigos revolucionários em seus dedicados e valorosos colaboradores nas guerras externas, onde "republicanos e imperiais marcharam lado a lado, ombro a ombro, contra o inimigo comum". Então amorteceu nos corações de ex-farroupilhas o ideal republicano adiado em nome de valores mais

altos sob ameaça — a Integridade e a Soberania do Brasil.

Foi ainda durante a Revolução que o lanchão "Seival", em homenagem ao mais brilhante feito das armas farrapas, levou até Santa Catarina o ideal de República. Isto ao ajudar, depois de um feito épico de transposição da Lagoa dos Patos para o Oceano, a conquistar o porto de Laguna, em Santa Catarina, quando foi proclamada a efêmera República Juliana, conforme estudamos, em 1971, por ocasião da inauguração do Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório que inclui uma réplica do "Seival"⁵.

Foi buscando inspiração na República Rio-Grandense, proclamada em decorrência da vitória do Seival, que estudantes gaúchos, em São Paulo, particularmente da Escola de Direito do Largo do São Francisco, fundaram, em 20 de setembro de 1881, o Clube 20 de Setembro que se inseriu na campanha republicana que culminou com a Proclamação da República, quase centenária em que vivemos, em 15 de novembro de 1889, pelo Marechal Manoel Deodoro da Fonseca. Grupo no qual pontificaram, como primeiros historiadores rio-grandenses da Revolução, Alcides Mendonça Lima e Assis Brasil e mais, dentre muitos, Júlio Prates de Castilhos e Borges de Medeiros, os quais, junto com outros constituintes, por ocasião da Constituição de 1891, adotaram como símbolos do Estado do Rio Grande do Sul todos os símbolos da República Rio-grandense. Isto depois de terem usado durante o Império,

nas bandeiras dos clubes republicanos, os lenços farroupilhas idealizados por Bernardo Pires, mártir do Seival, onde foi ferido a bala duas vezes. Ele também foi o desenhista da bandeira e do braço da República Rio-grandense, em Piratini em 1838, conforme estudamos amplamente em *História dos Símbolos do Rio Grande do Sul subsídios para sua revisão histórica, tradicionalista e legal*⁶.

Em que pese a importância da projeção histórica do combate do Seival, até na República Brasileira, fundada em 15 de novembro de 1889 pelo Marechal Deodoro da Fonseca, além de ser a maior, mais brilhante e retumbante vitória farroupilha, sua abordagem detalhada não tem merecido a atenção dos historiadores nos últimos 150 anos a exceção de Alfredo Varela em sua monumental *História da Grande Revolução* e, em data recente, o general Morivalde Calvet Fagundes em sua *História da Revolução Farroupilha*, até agora o maior marco do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha.

Abordar com o máximo de detalhes e pela primeira vez descrevê-lo e analisá-lo militarmente, integrando os trabalhos citados e mais outros detalhes esparsos obtidos é o objetivo do presente estudo. Ele visa também evocar o combate e os seus protagonistas, dentro do espírito da Paz de Ponche Verde, exaltando o valor, a coragem e a fidelidade às verdades que cada um dos lados defendeu e pelas quais muitos lutaram até morrer.

É uma página imortal, cheia de ensinamentos da História Militar

do Brasil, no Rio Grande do Sul, escrita a ferro e sangue. *É um elogio à fibra, à garra, à coragem e ao valor de cada um dos cerca de 1.000 rio-grandenses que nele se bateram com honra e denodo.*

Combatentes imperiais ali batidos pelos republicanos que, em Ponche Verde, 9 anos mais tarde, segundo o general Osório, "receberam com amor os republicanos que perseguiram com pertinência, e estes que haviam se batido com valor, transigiram com dignida-

de". E mais, foi o vencedor do Seival que na invasão do Paraguai, em 1865, fez a Vanguarda do Exército, ao comando de Osório. Netto foi dos primeiros a pisar em solo inimigo em Passo da Pátria e, lado a lado a Osório, marchou até Tuiuti onde teve destacada ação em Potrero Pires, comandando esquadrões com cavalos amilhados, com função tática importante, a concorrer para que Osório vencesse em Tuiuti, em 24 de maio de 1866, a maior batalha campal da América do Sul.



Brigadeiro Antonio Netto o vencedor de Seival e proclamador da República Rio-Grandense. Na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70) comandou a Brigada Vanguarda do Exército Nacional. Desembarcou com Osório, em Passo da Pátria. Continuou na vanguarda e destacou-se em Potrero Pires — Tuiuti, comandando esquadrões com cavalos amilhados com importante função tática a concorrer para a vitória. Consagrou-se então herói da nossa integridade e como um dos grandes chefes da Cavalaria do Brasil. (Foto: FAGUNDES, Morivalde Calvet — Rev. Farroupilha).

SITUAÇÃO GERAL

SESQUICENTENÁRIO DO COMBATE

DO SEIVAL 10 SET 1836

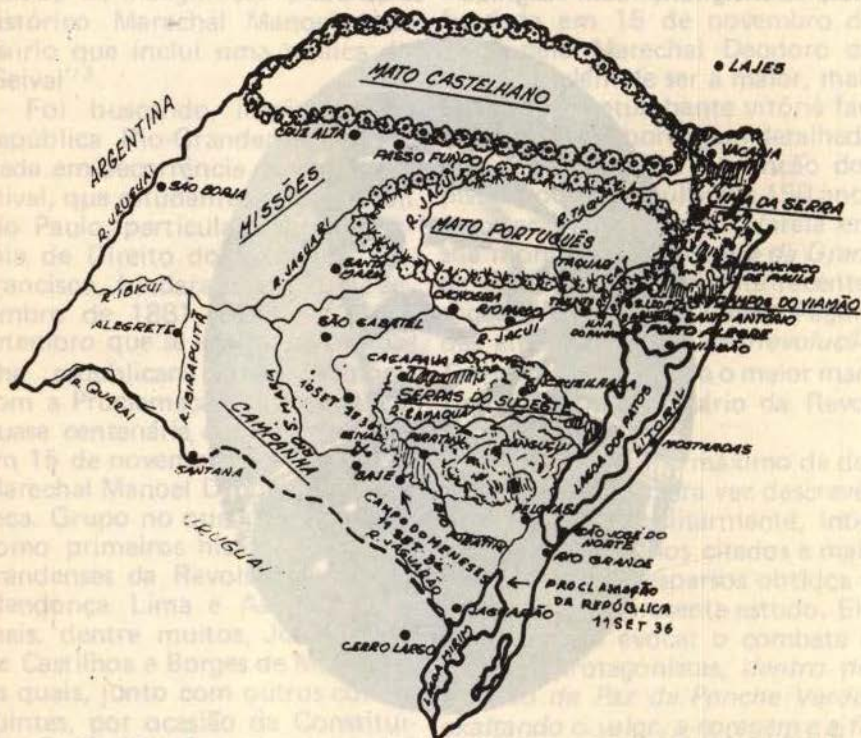
"O BERÇO DA REPÚBLICA BRASILEIRA"

SITUAÇÃO GERAL

TEATRO DA GUERRA

POR

CLAUDIO MOREIRA BENTO CEL



PIRATINI E CAÇAPAVA AS DUAS PRIMEIRAS CAPITAS FARRAPAS
BUSCARAM ABRIGO NAS SERRAS DO SUDESTE

Em 20 de setembro de 1835, o cel Bento Gonçalves da Silva, Comandante Superior da Guarda Nacional da Província, com apoio em parte expressiva da mesma, menos as de Herval do Sul, Pelotas, Rio Grande, São José do Norte e Porto Alegre e mais o apoio de toda a Guarnição do Exército da Província, a mais forte do Brasil (3RC, 1BC e 1B Artilharia), conseguiu dominar em um mês toda a Província e depor o seu Presidente — o Dr. Antônio Rodrigues Fernandes Braga⁸ e o Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto⁹, seu Comandante-das-Armas, substituindo-os pelo Dr. Marciano Pereira Ribeiro¹⁰ e coronel Bento Manoel Ribeiro¹¹ respectivamente.

O Império mandou como substituto do rio-grandense, filho de Rio Grande, Dr. Fernandes Braga, outro rio-grandense — o Dr. Araújo Ribeiro, filho de Barra do Ribeiro e primo e amigo do cel Bento Manoel Ribeiro. Face a problemas apresentados a sua posse, pela Assembléia Provincial, o cel Bento Manoel decidiu apoiá-lo militarmente. Partiu para a campanha para liderar a reação e aconselhou a Araújo Ribeiro fizesse a sua parte, a partir de Rio Grande, onde assumiu o Governo da Província e reconquistou e consolidou, de modo incruento, aquela estratégica posição¹².

E teve lugar então uma disputa armada entre dois Governos Provinciais. O revolucionário instalado em Porto Alegre, sob liderança do Presidente Marciano Ribeiro, tendo como Comandante-das-Armas o major João Manoel de Lima

e Silva¹³ que concentrou grandes forças em Pelotas para reconquistar Rio Grande e depor o Governo Imperial, ali instalado em local aberto a recursos navais e terrestres de toda a ordem. Governo tendo como Comandante-das-Armas, atuando no interior da Província, o cel Bento Manoel, procurando socorrer o Presidente da Província, pressionado a partir de Pelotas.

Neste momento histórico, os revolucionários não perceberam a inteligente e incruenta manobra do Presidente Araújo Ribeiro de apossar-se de Rio Grande e consolidá-la, gradativamente, como base naval e terrestre inexpugnável da contra-revolução.

Para recompensar a ajuda e os revolucionários para reconquistá-la, teriam, segundo Canabarro Reichardt¹⁴, incorrido em uma falsa avaliação estratégica. Ou seja, dividiram os esforços ofensivos a um só tempo: Sobre o cel Bento Manoel, na Campanha, ao longo do vale do Jacuí; sobre o Presidente Araújo Ribeiro, em Rio Grande, e sobre o cel Silva Tavares junto a Fronteira do Jaguarão.

Segundo o autor citado, João Manoel, Comandante-das-Armas, teria sido favorável a atacar a um só tempo os três objetivos.

Bento Gonçalves, ao contrário, voto vencido, teria se manifestado favorável a bater-se por partes o adversário. Primeiro Bento Manoel, na Campanha, antes de operar junção com Silva Tavares. Depois este e, finalmente, concentração geral para investir Rio Grande, como fizera no plano ini-

cial da revolução de setembro de 1835.

Em 2 de junho de 1836, o major João Manoel conseguiu abrir o Passo dos Negros, do São Gonçalo, fechado por Esquadilha ao comando do capitão Grenfell¹⁵ e defendido pelos coronéis imperiais Silva Tavares e Izaías Bonifácio Calderón.

Através do passo lançou tropas ao comando dos coronéis Antônio Netto e Domingos Crescêncio de Almeida¹⁶.

Na perseguição de Silva Tavares e Calderón eles percorreram o atual município de Santa Vitória do Palmar até que os obrigaram a se internarem no Uruguai, por São Miguel. Existe versão que Silva Tavares e Calderón atraíram Netto e Crescêncio, para aliviar a pressão sobre Rio Grande, só atacada quase 50 dias após a abertura do Passo dos Negros e sem eficácia.

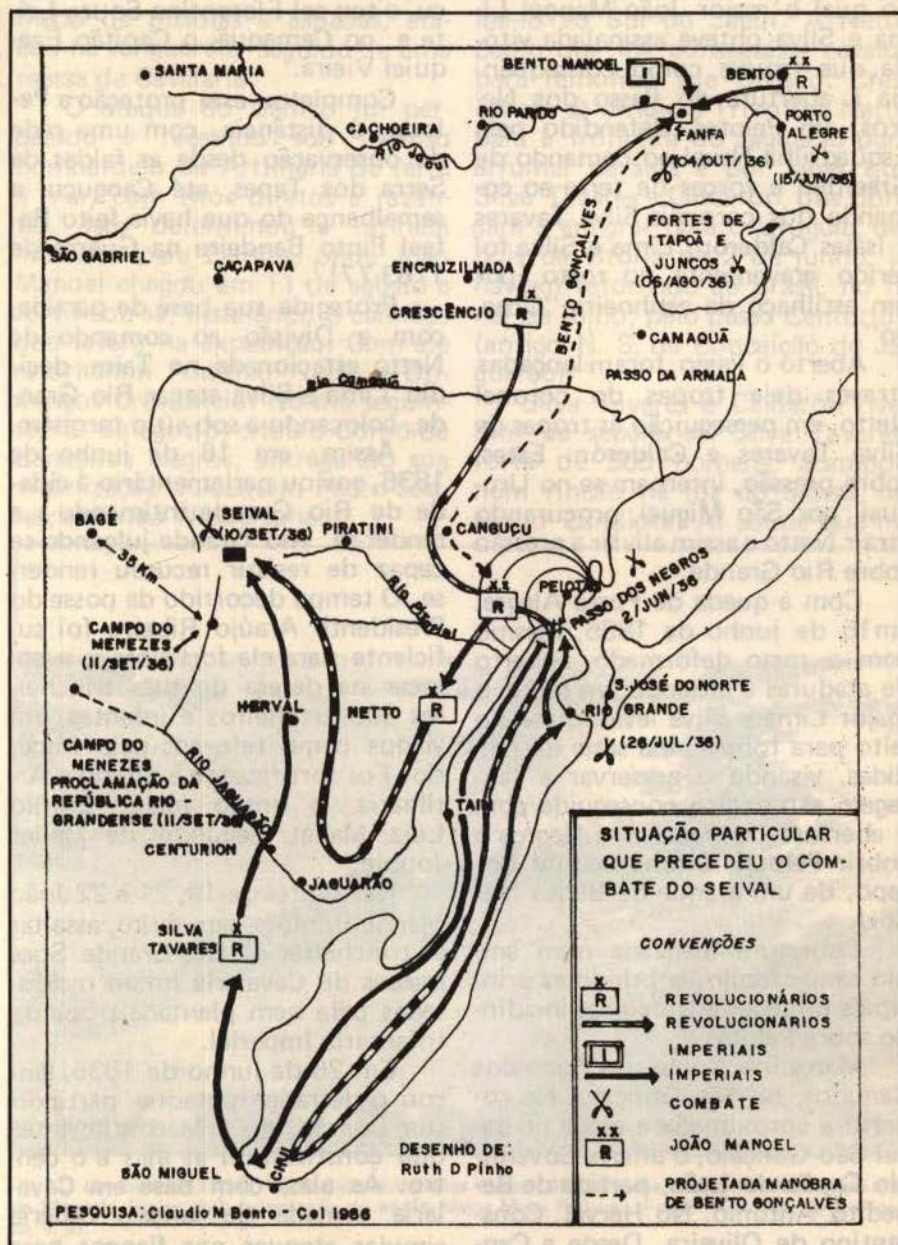
Neste interim Porto Alegre caiu em mãos imperiais por desguarnecida. Todo o Governo foi preso. Netto retornou da fronteira do Chuí e foi cobrir a fronteira do Jaguarão. Bento Gonçalves tentou reconquistar Porto Alegre, sem sucesso. Pressionado foi obrigado a retirar-se para a Campanha. Assim terminou por ser preso na Ilha do Fanfa, em 4 de outubro de 1836, com expressiva parcela de sua tropa, que compunha a Divisão do Centro. Enquanto isto, Domingos Crescêncio que veio em seu socorro nada conseguiu fazer.

Assim, Rio Grande retornou ao Império, seguido de Porto Alegre; da neutralização da posição farrapa em Itapoã, em 6 de agosto de 1836; da derrota de Bento Gonçalves no Fanfa e da queda pela manobra da posição de João Manoel, em Pelotas. Isto significou: Perda das estratégicas bases militares e navais em Rio Grande e Porto Alegre; prisão da liderança revolucionária civil, em Porto Alegre, incluindo o Presidente da Província revolucionária e mais 31 companheiros; liberação da ligação naval Porto Alegre-Rio Grande, pela neutralização dos fortes farrapos Junco e Itapoã e a prisão do próprio líder político-militar Bento Gonçalves que era a própria encarnação do espírito rio-grandense.

Se isto não bastasse, João Manoel, depois da tardia e malograda tentativa de conquistar Rio Grande, em 26 de julho de 1836, foi obrigado pela manobra a deixar Pelotas e procurar proteção na Serra dos Tapes (Piratini-Canguçu) escolhida para capital da República Rio-Grandense.

Neste quadro extremamente adverso é que a vitória do Seival surgiu com um raio de esperança, uma tábua de salvação, uma bandeira de mobilização a provar que nem tudo estava perdido. Fato que teve repercussão extremamente negativa e preocupante entre os imperiais, pela retumbância da vitória e incerteza decorrente da proclamação da República Rio-Grandense.

SITUAÇÃO PARTICULAR



Em 2 de junho de 1836, tem lugar o combate de São Gonçalo, no qual o major João Manoel Lima e Silva obteve assinalada vitória que trouxe como consequência a abertura do Passo dos Negros, em Pelotas, defendido pela Esquadilha Naval ao comando de Greenfell e forças de terra ao comando dos coronéis Silva Tavares e Isaías Calderón. Lima e Silva foi ferido gravemente no rosto, por um estilhaço da canhoeira "Oceano".

Aberto o Passo, foram lançadas através dele tropas do coronel Netto, em perseguição às tropas de Silva Tavares e Calderón. Estes, sobre pressão, internam-se no Uruguai, por São Miguel, procurando atrair Netto e assim aliviar a pressão sobre Rio Grande.

Com a queda de Porto Alegre, em 15 de junho de 1836, mesmo com o rosto deformado, coberto de ataduras e ardendo em febre, o major Lima e Silva levantou-se do leito para tomar uma série de medidas, visando a preservar a vantagem estratégica conseguida com a abertura do Passo dos Negros e cobrir Pelotas, último reduto farapo, de um ataque de Bento Manoel.

Cobertura realizada num amplo semi-círculo, cobrindo as principais direções estratégicas incidindo sobre Pelotas.

Marcelino Nunes, no Passo dos Canudos, no São Gonçalo. Na cobertura aproximada e ainda no canal São Gonçalo, o alferes Soveral. No Capão do Leão, partida de Benedito Antônio. No Herval, Constantino de Oliveira. Desde a Can-

diota e até Piratini, Oliveira Nico e João José Damasceno. Em Canguçu, o ten cel Florentino Souza Leite e, no Camaquã, o Capitão Ezequiel Vieira.

Completo esta proteção a Pelotas, à distância, com uma rede de observação desde as faldas da Serra dos Tapes, até Canguçu, a semelhança do que havia feito Rafael Pinto Bandeira na Guerra de 1763-77¹⁷.

Protegida sua base de partida, com a Divisão ao comando de Netto estacionada no Taim, decidiu Lima e Silva atacar Rio Grande, colocando-a sob sítio terrestre.

Assim, em 16 de junho de 1836, enviou parlamentar à cidade de Rio Grande intimando-a a render-se. Rio Grande julgando-se capaz de resistir recusou render-se. O tempo decorrido da posse do Presidente Araújo Ribeiro foi suficiente para ela fortificar-se e colocar na defesa de suas trincheiras 800 artilheiros e infantes, enviados como reforços pelo Império. Foi fortificador e dirigiu a Artilharia, o então major Emílio Luiz Mallet, segundo de Mallet Joubin.

Nas noites de 19, 21 e 22 João Manoel tentou, sem êxito, assaltar as trincheiras de Rio Grande. Suas massas de Cavalaria foram rechasadas pela bem plantada tropa de Infantaria Imperial.

Em 26 de junho de 1836, lançou o derradeiro ataque, partindo sua Divisão em três contingentes que constituíram as alas e o centro. Às alas, com base em Cavalaria armada de lanças, caberia simular ataques nos flancos para

atraírem sobre si os defensores. A seguir, o Centro, mais numeroso e contando com um pelotão a pé, armado de pistolas e espadas, atacou na vanguarda, seguido de uma massa de Cavalaria.

O ataque do Centro foi percebido e recebido sob intenso bombardeio da Artilharia de terra e mar, com tiros diretos e razantes. Isto determinou a retirada imediata para Pelotas, onde João Manoel chegou em 11 de agosto e fortificou-se, instalando 5 canhões que levaria na expedição. Com ele retornaram Antônio Netto e Domingos Crescêncio. No dia seguinte, 12 de agosto, criou o Corpo de Lanceiros Negros, entregando sua organização a Joaquim Pedro Soares, segundo Wiedersphan.

Bento Gonçalves em dificuldades pediu que Domingos Crescêncio se dirija a Triunfo, para acolhê-lo ao Sul do Jacuí. A Netto pediu que lhe conseguisse cavalos para remontar sua Divisão. Crescêncio se dirigiu a Triunfo e Netto para a fronteira do Jaguarão para arrumar cavalos e por saber que Silva Tavares e Calderón, que obrigara a emigrar para o Uruguai, depois da vitória de 2 de junho, já haviam retornado ao Brasil, no final de julho, pelo passo Centurión (antigo N. S. de Conceição do Jaguarão)¹⁸.

Silva Tavares e Calderón tiveram de separar-se. Silva Tavares, forte de 500 homens, acampou num rincão na foz do Seival, no arroio Candiota. Aí soube que no



O combate de Seival foi o choque de duas massas de Cavalaria conforme alegoria acima de Miranda Junior, sob orientação do então Major Maya Pedrosa (Fonte: *Histórica do Exército*, v. 2).

passo do Lageado, do rio Jaguarão, acampava uma tropa. Dia 10 de setembro Silva Tavares saiu em direção desta força, em reconhecimento, e a encontrou a uma légua de onde acampara.

Netto, ao divisar Silva Tavares nas pontas do Seival, pafiu sobre ele. Silva Tavares galgou a coxilha do Seival e tomou a melhor posição em suas partes mais elevadas, onde dispôs suas tropas e aguardou o combate.

A coxilha do Seival ficava próximo à casa dos Lucas, ao longo do caminho Pelotas-Bagé, hoje balizado pela BR 363.

O COMBATE DE SEIVAL

Forças em presença

Imperiais: Brigada Provisória de Cavalaria da Comarca do Rio Grande, ao comando do coronel comandante Superior da Guarda Nacional da Província, João da Silva Tavares¹⁹ e reforçada por tropas do cel Isaias Bonifácio Calderón, que incluía muitos orientais e no momento ausente, com pequena escolta, a procura de contato com o cel José dos Santos Loureiro²⁰.

A tropa imperial era nucleada por amigos de Silva Tavares das regiões atuais de Jaguarão e Herval do Sul, bem como seus parentes das famílias Nunes, Fagundes, Medeiros²¹.

Seu efetivo numerava cerca de 500 homens, segundo o mais categorizado historiador da Revolução²².

Revolucionários: 1ª Brigada do Exército Liberal, ao comando do coronel da Guarda Nacional Antônio de Souza Netto, reforçado pelo recém-criado e ainda em organização Corpo de Lanceiros Negros.

A 1ª Brigada de Netto originou-se da Legião de Guardas Nacionais do Termo de Piratini, criada em 14 de outubro de 1835, pelo Presidente José Mariano Ribeiro, colocado pela Revolução de 20 de setembro na Presidência da Província, em substituição a Fernandes Braga. Foi constituída de dois esquadrões ou quatro companhias. Uma companhia recrutada em Piratini e as outras três, uma no distrito de Bagé, até o Pirai e as duas restantes uma em Canguçu atual e a outra em Pedro Osório atual, ao norte do rio Piratini²³.

Reforçada no Seival pelos Lanceiros Negros do tenente-coronel Joaquim Pedro Soares e major Joaquim Teixeira Nunes²⁴, atingiu um efetivo estimado em cerca de 430 homens²⁵. O seu número de chefes atingiu, no dia seguinte ao combate, 52 oficiais e sargentos²⁶, que assinaram a Proclamação da República Rio-Grandense.

Principais lideranças (experiência anterior a Seival)

Imperiais: 1) Coronel João da Silva Tavares²⁷. Nascido em Herval (15 de março de 1790). Era filho de um português. Possuía 46 anos no combate do Seival. Com 21 anos ingressou num Regimento

de Milícias, na Fronteira do Rio Grande. Participou da Campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental, ao comando de D. Diogo de Souza 1811-1812. Integrou a vanguarda da Divisão de Voluntários Reais que, em 1816, ao comando do General Lecor, penetrou no Uruguai pelo Chuí e terminou por entrar no Uruguai e participar da tomada de posse de Montevideú.

Participou da 2ª Guerra contra Artigas, cujo epílogo foi sua derrota em Taquarembó, em 22 de janeiro de 1820, e da Guerra Cisplatina 1825-28, ao final da qual era capitão.

Neste posto foi nomeado Comandante de Companhia e do Distrito Militar do Herval, prestando assinalados serviços na segurança da fronteira no rio Jaguarão.

Criada a Guarda Nacional em 1831, nela exerceu as funções de major e tenente-coronel até 1835.

A Revolução de 20 de setembro de 1835 encontrou nele a única reação militar efetiva, em todo o Rio Grande. Contou como apoio dos ervalenses que tinham sobradass razões para apoiar o Império. Seu sogro Bonifácio Nunes, o Patriarca de Herval, havia sido um dos colaboradores do legendário Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira. E com ele, concluída a Guerra 1763-1776, na qual foi definido o destino brasileiro do Rio Grande do Sul, muitos ex-colaboradores "da primeira espada continentina" se radicaram em Herval atual. De iguais sentimentos partilhava o major Manoel Marques de Souza, cujo avô tivera papel importante

na citada guerra. O que foi a luta de Silva Tavares em defesa da sua verdade — o Império, até o Seival e depois-falam as suas ações.

De 20 de setembro de 1835 — 10 de setembro de 1836, por quase um ano foi intensa a ação militar de Silva Tavares. Como Netto, até a Revolução Farroupilha, possuía pouca experiência operacional.

Revolucionários: 1) Coronel Antônio de Souza Netto sobre o qual escrevemos amplamente em 20 de setembro de 1985²⁸. Nasceu em Povo Novo — Rio Grande, em 11 de fevereiro de 1801, tendo por ocasião do combate de Seival 35 anos. Estreou como Capitão de Milícias na Guerra Cisplatina 1825-27, na cobertura da Fronteira, no corte do Jaguarão. Iniciando a Revolução Farroupilha, como capitão da Guarda Nacional, ascendeu durante a mesma, por seu valor, a coronel e logo a seguir a general. Lutou de 1835-45, sem descanso, até o último dia, tornando-se a segunda figura depois de Bento Gonçalves.

Foi o mais exímio cavaleiro farrapo. Sua liderança era incontestada sobre seus comandados. Até Seival era pouca a sua experiência militar. No curso da Revolução veio a tornar-se respeitado líder de combate de Cavalaria. Na Guerra do Paraguai coube-lhe fazer a vanguarda do Exército de Uruguiana até Tuiuti, a maior batalha campal da América do Sul, após a qual, acometido por febre, morreu e foi sepultado em Corrientes na Argentina. Desde 1966, centenário de sua morte, repousa em Bagé, pró-

ximo do túmulo de Silva Tavares, seu oponente no Seival. *Unidos agora, na morte, como estiveram em muitos momentos em defesa da Integridade e da Soberania do Brasil.*

E completariamos, dois valerosos soldados do Brasil, no Rio Grande, que foram exemplares e coerentes na defesa de suas verdades na Revolução Farroupilha.

Segundo Jacinto Eurico Sales em *História de Bagé* (Palegre, Ed. Globo, 1950 p. 52) os restos mortais de Netto haviam sido exumados de Corrientes, na Argentina e foram transportados para Montevideu por seus familiares, de onde saíram em 1966 para descanso eterno ao lado dos restos mortais de seu pai, em Bagé, conforme desejo manifesto em vida.

Assessoria militar clássica

Em Seival ambos contendores dispuseram de pelo menos um assessor militar com larga experiência no Exército Imperial. Se não vejamos:

Imperiais: Major João Frederico Caldwell. Nascido em Santarém — Portugal, em 1801. Era filho do tenente-general Frederico Caldwell, inglês a serviço de Portugal, com uma portuguesa. Cade-te aos 9 anos, do atual Regimento de Cavalaria de Guardas em Brasília. Como Alferes, aos 16 anos, lutou contra a Revolução Pernambucana de 1817, em Pernambuco. Em 12 de outubro foi promovido a 1º tenente do citado Regimento, ora em Brasília, no qual serviu por cerca de 20 anos.

Durante a Guerra Cisplatina 1825-28, foi designado major de Brigada, da 2ª Brigada de Cavalaria Ligeira ao comando do Coronel Bento Gonçalves sob cujas ordens serviu de 15 de setembro de 1826 — 31 outubro de 1827 (mais de um ano).

Sobre seu desempenho escreveu Bento Gonçalves:

“Este honrado militar, não só desempenhou as obrigações de seu cargo, como serviu de instrutor aos três corpos que compunham a brigada. Deixou-os quase em estado de primeira linha, tanto em manobras, quanto no espadão, apesar de andarem sempre em frente do inimigo. Tomou parte na Batalha de 20 de fevereiro de 1827 (Passo do Rosário), e em todos os encontros que teve a Brigada, em diversas ocasiões, neles mostrou presença de espírito, desempenhando tudo que lhe ordenei com atividade. É subordinado de exemplar conduta, tanto militar como civil...”²⁹

Dentre os corpos que ele adiestrou estava o do oriental Izaías Bonifácio Calderón ao qual, por certo, acompanhava como assessor, ao tempo do Combate do Seival.

Caldwell desligado do Exército, por sua condição de filho de inglês, embora anglo-lusitano, aderiu, em Jaguarão, à causa da legalidade.

No combate do Seival teve a mão direita amputada por um golpe de espada e ficou prisioneiro por 43 dias, até conseguir fugir.

Mais tarde veio a prestar relevantes serviços ao Brasil, na guerra e na paz. Comandou a 3ª Região Militar de 1848-1865, por

cerca de seis vezes. Em 1870 foi Ministro da Guerra e logo a seguir Conselheiro de Guerra e, Ajudante-General do Exército até falecer em 26 de fevereiro de 1873.

A sua influência doutrinária na Brigada de Silva Tavares é evidente. Segundo depoimento de participantes do Combate do Seival, Caldwell ao contemplar dispositivo avançando, da tropa de Netto, teria concluído:

"Netto vem atacando para triunfar!".



Cel Joaquim Pedro Soares ex-integrante do Exército de Portugal e do Brasil foi quem dispôs taticamente a tropa do Netto Seival, do que resultou a vitória.

Revolucionários: Tenente Coronel Joaquim Pedro Soares (1770-1850). Sobre sua ação militar no Seival escreveu Caldeira:

"Joaquim Pedro Soares tinha sido oficial de 1ª Linha do Exército Imperial, na Guerra Cisplatina 1825-28. Era valente, enérgico e muito militar. Possuía muita instrução e prática de oficial de Secretaria.

Foi ele quem organizou o casco do 1º Corpo de Lanceiros Negros de 1ª Linha. No ataque do Seival foi ele quem dispôs a força de Netto para o ataque.

Ele manteve um esquadrão em proteção (em reserva). Foi este esquadrão ao comando do capitão Antônio Meireles Gonçalves que tomou conta do campo (de batalha) e obteve o triunfo"³⁰.

Aqui está uma realidade até então não explorada. Foi este esquadrão em reserva que fez a penetração no centro do dispositivo imperial, no momento oportuno, dividindo em dois e tornando impossível o apoio mútuo entre as alas direita e esquerda.

O citado capitão chamava-se, em realidade, Antônio Gonçalves Menezes Meireles. Foi promovido a tenente-coronel de 1ª Linha por João Manoel, em 1º de novembro de 1836, ao estruturar o Exército Rio-grandense. Em 1841, era Chefe Geral de Polícia em São Gabriel³¹.

O tenente-coronel Joaquim Pedro Soares, segundo estudos que acabamos de proceder, com apoio em documentos que encontramos no Arquivo do Exército e que aqui sintetizamos, nasceu em Campo

Maior-Portugal, em 1780. Era filho de militar. Sentou praça com 10 anos. Em 1797 foi promovido a cabo de RI. Esteve prisioneiro dos franceses durante a invasão de Napoleão a Portugal. Em 1816 veio para o Brasil, como 2º sargento, integrando a Divisão de Voluntários Reais ao comando de Lector. Fez as campanhas de 1816, 1820 e Guerra Cisplatina. Combateu em Passo do Rosário como tenente do 1º Esquadrão comandado pelo capitão Domingos Crescêncio de Carvalho, mais tarde um dos esteios da Revolução. Esquadrão pertencente ao 4º Regimento de Cavalaria de Linha de Jaguara, que por ocasião da Revolução de 20 de setembro de 1835 era comandado pelo capitão Crescêncio que aderiu com o Regimento à Revolução liderada por Bento Gonçalves, ex-comandante desta unidade. Joaquim Pedro havia se reformado em 4 de julho de 1831, sem vencimentos. Foi organizador e primeiro comandante dos Corpos de Lanceiros Negros e Ajudante Geral do Exército da República Rio Grandense. Preso em Piratini junto com José Mariano de Mattos é enviado preso para o Rio. Desconhece-se o seu destino após.

Seu ligeiro perfil mostra o seu valor militar e capacidade para dispor as forças revolucionárias para o combate.

Influuiu junto com o cel Lucas de Oliveira para que o cel Netto proclamasse a República. Foi portanto assessor militar e político de Netto, no Seival e, em Campo de Menezes. A História da

Revolução Farroupilha o tem esquecido e não reconhecido a projeção de sua atuação. Por ocasião do combate do Seival, Joaquim Pedro possuía em torno de 55 anos.

O cel Manuel Lucas de Oliveira que secundou Netto no combate do Seival possuía cerca de 26 anos então.

Sua experiência militar até então era pouco expressiva. Foi "aprendendo vendo, tratando e pelejando", na Academia Militar das Coxilhas, até substituir Netto no comando da Brigada Liberal. Possuía muita liderança sobre seus homens. É uma figura singular que estudamos no *Diário Popular* de Pelotas, de 20 de setembro de 1985, junto, inclusive, com o citado coronel Domingos Crescêncio de Carvalho, figura também esquecida entre os vultos da Epopéia Farroupilha.

Descrição militar do combate do Seival

Com apoio em diversas fontes disponíveis relacionadas ao final e, em especial, em descrições de Alfredo Varela e Morivalde Calvet, autores que mais se detiveram no tema nos últimos 150 anos, o combate do Seival teve o seguinte desenvolvimento, segundo interpretado:³²

1ª FASE

Tomada do dispositivo e início do combate a bala

Os imperiais ao comando de Silva Tavares escolheram o terreno

O COMBATE DO SEIVAL EM 10 de Setembro de 1836.

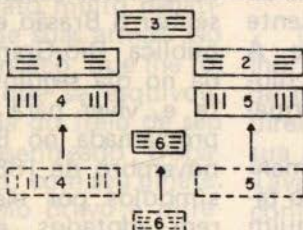
Descrição e análise militar segundo interpretação do Coronel CLAUDIO MOREIRA BENTO no Sesquicentenário do Combate em 10 de set de 1986.

1ª FASE - DISPOSITIVO INICIAL E INÍCIO DO COMBATE A BALA

CONVENÇÃO

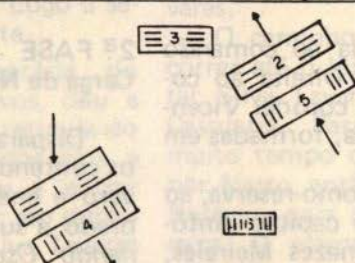
IMPERIAIS

FARRAPUS

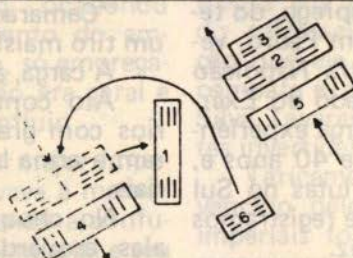


- 1- DAVID PEREIRA
- 2- SILVA TAVARES
- 3- RESERVA IMPERIAL
- 4- ANTONIO NETTO
- 5- LUCAS DE OLIVEIRA
- 6- ANTONIO MEIRELES (RESERVA) (JOAQUIM PEDRO)

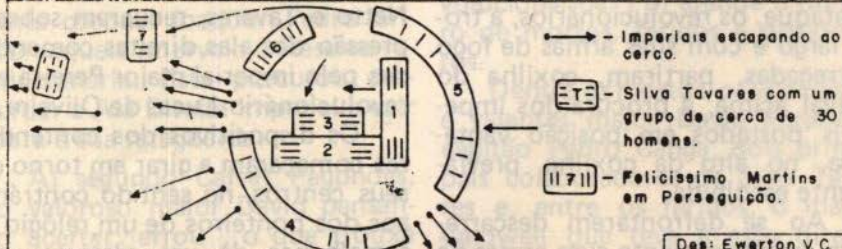
2ª FASE - CARGA FARRAPA A ESPADA E LANÇA



3ª FASE - ISOLAMENTO DAS ALAS IMPERIAIS E RUPTURA DA ALA ESQUERDA



4ª FASE - CORPO A CORPO A ESPADA E LANÇA, CERCO E PERSEGUIÇÃO



Des: Ewerton V.C.

ESTUDO COMEMORATIVO DO SESQUICENTENÁRIO DO COMBATE - 10 Set 1986

do combate. Ocuparam o alto da coxilha do Seival desdobrados em três grupamentos. A Ala Esquerda apoiada numa depressão e ao comando de Silva Tavares e a Ala da Direita ao comando do valente major David Francisco Pereira. À retaguarda das duas alas foi colocada a Reserva, forte de 2 esquadrões, ou quatro companhias.

Os revolucionários ao comando de Netto e sob a orientação tática do tenente coronel Joaquim Pedro tomaram o seguinte dispositivo na várzea, no sopé da coxilha do Seival.

A Ala Esquerda ao comando de Netto e a Ala Direita ao comando do tenente coronel Vicente Lucas de Oliveira, formadas em Linha.

À retaguarda, como reserva, ao comando do bravo capitão Antônio Gonçalves Menezes Meireles, ficou um esquadrão, sob a supervisão, para fins de emprego, do tenente coronel Joaquim Pedro, veterano das lutas contra Napoleão na Península, reformado do Exército Imperial e com larga experiência militar de mais de 40 anos e, inclusive, em nossas lutas no Sul desde 1817, conforme registramos antes, pela primeira vez.

Dada a ordem por Netto para o ataque, os revolucionários, a trote largo e com suas armas de fogo carregadas, partiram, coxilha do Seival acima, à procura dos imperiais postados em posição vantajosa, no alto da coxilha, previamente escolhida.

Ao se defrontarem descarregam reciprocamente suas armas de fogo. Neste momento foi atingido

por dois disparos, sem ser desmontado, o major Bernardo Pires que mais tarde seria festejado, em Piratini, como mártir de Seival. A Bernardo Pires caberia a tarefa de desenhar o Brasão e Bandeira da República Rio-Grandense proclamada no dia seguinte a este combate e, viver para ver a República proclamada no Brasil, em 15 de novembro de 1889, bem como os símbolos por ele desenhados serem adotados, em 1891, como os do Estado do Rio Grande do Sul³³.

2ª FASE

Carga de Netto a espada e lança

Disparadas as armas de ambos os contendores, Antonio Netto, severo e enérgico, ordenou em algo brado a sua brigada, *segundo Fernando Osório, filho do General Osório*:³⁴

"Camaradas, não quero ouvir um tiro mais!

A carga, a espada e a lança!"

Ato contínuo os revolucionários com grande ímpeto, carregaram a arma branca sobre os imperiais.

No choque que se seguiu, as alas esquerdas dos contendores, comandadas respectivamente por Netto e Tavares, recuaram sobre a pressão das alas direitas comandadas pelo imperial major Pereira e o revolucionário Lucas de Oliveira.

Os dispositivos dos contendores começaram a girar em torno de seus centros, no sentido contrário aos dos ponteiros de um relógio, a semelhança de um carrossel, segundo Calvet Fagundes, ocorrendo

um perigoso distanciamento entre as alas imperiais.

Neste momento teve lugar na Ala Esquerda, ao comando de Silva Tavares, um fato muito negativo para a sorte de suas armas. No entrevero, um lançaço, que lhe foi desferido e de que se esquivou, cortou a cabeçada do freio de seu cavalo. Este desenfreado disparou campo a fora, com seu ginete. Foi socorrido pelo bravo e intrépido capitão Pedro Fagundes seu cunhado, após laçar seu cavalo com improvisado laço. Logo a seguir voltaram ao combate.

A ausência temporária do combate dos dois bravos, deu a impressão que era uma retirada do chefe. Sem assistência dos dois, a Ala Esquerda começou a entrar em confusão e a seguir em derrocada. A ausência de Silva Tavares provocada pela disparada de seu cavalo desenfreado ocasionou também o retardamento do emprego de sua Reserva, só empregada quando a confusão era geral e nada ela podia mais influir.

Na Ala Direita o major imperial David Pereira levava a melhor sobre Netto. Percebendo a confusão na Ala Esquerda imperial e seu afastamento da Ala Direita, o tenente coronel Joaquim Pedro lançou naquele intervalo a Reserva revolucionária. Esta procurou desbordar a Ala Direita imperial e cair sobre a sua retaguarda.

Aí segundo Calvet Fagundes, "o valoroso major David pensando acertar, errou", o que trouxe sérias consequências para a derrota que iriam sofrer.

3ª FASE

Isolamento das alas imperiais e rompimento da Ala Esquerda-Vitória!

O major David levando a melhor sobre Netto, vendo ameaça de desbordamento de seu flanco direito, seguida de isolamento de sua ala, da Ala Esquerda de Silva Tavares, onde se estabelecera a confusão, desde a disparada de seu cavalo, decidiu desenganjar de Netto e ir em socorro de Silva Tavares.

O caminho que teve que percorrer até o local onde pensava estar Silva Tavares era impróprio à Cavalaria. Para atingi-lo perdeu muito tempo que foi aproveitado por Netto, então transformado em Reserva, para reforçar sua Ala Direita. O major foi ferido e desmontado e a sua tropa não encontrou a Ala Esquerda que, no giro do carrossel, foi ocupar a posição que ele ocupara no início do combate e, a sua tropa, a inicial de Silva Tavares, só que com as frentes invertidas.

Taticamente o combate estava vencido pelos revolucionários. Os imperiais foram isolados em três grupamentos e cercados pelos revolucionários. Foi grande o número de mortos, feridos e prisioneiros.

Dentre os mortos, os intrépidos e valentes major David Pereira e capitão Pedro Canga, dois principais colaboradores de Silva Tavares e, entre os feridos, o major Caldwell que teve a mão direita decepada, além de ter sido feito prisioneiro.

4ª FASE

Corpo a corpo a arma branca e Perseguição

As tropas de Silva Tavares ao término do combate de Seival ficaram em grande parte cercadas sem chances de uma retirada. Dentre os que conseguiram romper o dispositivo registre-se o próprio coronel Silva Tavares em companhia de cerca de 30 companheiros que procuraram atingir o rio Camaquã³⁵.

Em perseguição aos imperiais que conseguiram escapar do local do combate, foi destacada da Ala Direita revolucionária, uma fração tendo como guia Felicissimo Martins, com ordens de não ultrapassar o arroio Velhaco, afluente do Camaquã³⁶.

Se tivesse ordem de ultrapassar teria prendido o capitão Jorge de Mazarredo³⁷, que no início da Revolução comandava o 2º Regimento de Cavalaria em Bagé, e que, por não aderir à mesma, o então tenente Osório o conduziu são e salvo à fronteira. O Capitão Mazarredo encontraria a morte mais tarde na defesa de Porto Alegre, sob sítio republicano.

Os remanescentes revolucionários se retiraram em direção do Camaquã. Não foram aprisionados em maior número, em razão da tropa de perseguição haver sido incumbida de um reconhecimento que a atrasou e a perseguição ser limitada ao arroio Velhaco³⁸.

Netto montava neste dia um cavalo tordilho negro que ele mesmo havia domado antes da guerra e Silva Tavares um baio sebrumo

segundo Alcy Cheuiche em seu *A Guerra dos Farrapos* (Palegre, Mercado Aberto, 1985) 2ª Ed., com apoio em historiadores da Revolução.

Dentre os vencedores do Seival foi possível relacionar: cel Antônio de Souza Netto, ten cel Lucas de Oliveira, ten cel Joaquim Pedro Soares, majores Bernardo Pires, Francisco da Costa, Joaquim Teixeira Nunes, capitães Marcelino Pereira, Firmino Alves, Antônio Gonçalves Menezes Meireles, Felicissimo Martins (guia), Vasco Marques, Antônio Almeida Lara e o oriental Calengo Saenz. Ou seja, 13 dos 52 signatários da Proclamação da República. Possivelmente participaram como capitão Florisbello de Souza Netto (pai de Zeca Netto), como tenentes Bento Palomeque, Vicente Ferrer de Almeida e Ezequiel Antônio da Silva, José Antônio Coritiba e Bento Correia da Silva como sargentos.

Baixas no combate do Seival

Araripe dá o seguinte total de baixas imperiais:³⁹

356/560 combatentes.

Baixas assim distribuídas:

180 mortos;

60 feridos;

116 prisioneiros

E assinala: "Seival foi considerado na rebeldia como um dos seus mais gloriosos feitos".

Segundo Varela as baixas imperiais somaram:⁴⁰

318/500 combatentes.

Baixas assim distribuídas:

167 mortos;



O Combate do Seival foi de características de aniquilamento. Os imperiais sofreram 356/500 baixas (180 mortos, 60 feridos e 116 prisioneiros. Isto deve-se a bravura dos imperiais no corpo a corpo, espada e a lança e ao espírito altamente ofensivo dos revolucionários. (Fonte: Rev. Far. cic IPIRANGA-RS).

151 prisioneiros, entre os quais muitos feridos.

Entre os 167 mortos 12 eram oficiais, sendo:

1 major — major David Francisco Pereira;

1 capitão — capitão Pedro Nunes Fagundes;

4 tenentes;

6 alferes.

Além dos ervalenses David Pereira e Pedro Nunes, segundo Manoel da Costa Medeiros⁴¹ tombaram mortos no combate a nata da mocidade ervalense: Serafim Viei-

ra, Jerônimo Amaro da Silveira e Albino Inácio Medeiros. Além de ficarem prisioneiros, segundo Alvaro Tavares de Souza:⁴² Análíio Nunes, Joca Tavares, filho do cel Silva Tavares e prisioneiros e feridos Peregrino Dutra Fagundes e Sérgio Muniz.

Silva Tavares perdeu aí os seus mais destacados líderes de combate Davi José Pereira e Pedro Canga e seus colaboradores desde a primeira hora. Seu filho Joca Tavares, com 18 anos foi remetido para o Uruguai por Netto, aos cui-

dados do cel Calengo Saenz muito ligado por amizade à família Tavares, mas oriental e revolucionário.

Joca Tavares mais tarde se destacou na Guerra do Paraquai e na Revolução de 93.

O cel Silva Tavares apesar dos percalços que passou em combate foi dos poucos a conseguir escapar do local da luta.

Decorrido 50 dias do combate do Seival, o cel Silva Tavares foi preso por David Canabarro, na casa do sogro Bonifácio Nunes, em Erval. Foi em 17 de dezembro de 1836. Permaneceu preso até 5 de fevereiro de 1837, quando conseguiu fugir com o concurso de um sargento de nome Segismundo, depois de 50 dias preso. Em ambas ações os revolucionários e depois de 11 de setembro, republicanos se apoderaram de copioso material bélico que era usado pelo cel Silva Tavares. O sargento Segismundo era de Pernambuco.

Entre os prisioneiros imperiais estavam dois majores. Um o major Frederico Caldwell, com a mão direita decepada por um golpe de espada. Depois de 43 dias preso conseguiu evadir-se e prestar à pacificação no Rio Grande, por Caxias, distintos serviços conforme atestou o próprio Barão:

"Este destino oficial, com zelo, inteligência e bravura tem servido ao Exército, em comando, desde o começo da revolta que assolou esta Província.

Defendendo a Integridade do Império e os direitos de S. M. o Imperador, perdeu a mão direita no combate do Seival. É digno de bastante consideração. E apesar de

estar impossibilitado de combater à testa de seu Regimento, em consequência da perda da mão direita, durante o tempo que comande o Exército prestou muito bons e distintos serviços⁴³.

Estudamo-lo repito, em *Es-trangeiros e descendentes na História Militar do RGS* mostrando que depois do Seival construiu uma bela carreira militar.

As baixas dos revolucionários totalizaram 34:

Baixas assim distribuídas:

8 mortos;

26 feridos.

Entre os mortos registre-se Marcelino Nunes, após um duelo particular com Pedro Canga que será descrito adiante. Entre os feridos e já referido em local pró-



Major Bernard Pires, ferido a bala no combate do Seival. Foi o simbolista farrapo junto com o Cel José Mariano de Mattos futuro ministro da guerra do Império em 1864. Participou de 6 campanhas externas 1812-1870 em defesa da Integridade do Brasil. (Foto: BENTO, *Símbolos do RGS*).

prio, Bernardo Pires, logo a seguir o simbolista farrapo e que estudamos amplamente⁴⁴.

Recorrendo aos efetivos presentes no combate de 500 imperiais e 430 revolucionários adotados por Moacyr Flores⁴⁵ contra, respectivamente, 318 baixas/500 imperiais e 36 baixas/430 revolucionários, o combate de Seival assumiu características de combate de aniquilamento ou de destruição do adversário.

Isto se agrava ao saber-se que do efetivo de 182 que conseguiu escapar do Seival, somente 30 o fizeram com ordem certa. Os restantes 150 o fizeram no desespero e desordenadamente na base do "salve-se quem puder!"

Por isto Seival foi a maior vitória obtida pela Revolução Farrroupilha e não têm exagerado categorizados historiadores que a têm adjetivado de "retumbante", "brilhante" e "absoluta" e outros termos equivalentes. O número de baixas reflete a bravura inaudita dos imperiais que foram dobrados em decorrência de imponderáveis, como o corte da cabeçada do cavalo do coronel Silva Tavares e do erro tático do major David que morreu duplamente ferido, segundo Tarcísio Taborda⁴⁶ como se verá.

Com esta impressão ela espalhou-se pelo Rio Grande e pelo Império. Seja pela retumbante vitória militar, seja pela sua consequência — a Proclamação da República Rio-Grandense. Ela teve grande repercussão negativa no Império e muito positiva entre os agora republicanos. Somou-se a

ela, a vitória, ainda no dia da Proclamação da República, obtida pelo cel João Antônio da Silveira, com auxílio de Canabarro e Guedes, sobre o cel José dos Santos Loureiro⁴⁷.

Seival e República compensaram, no ânimo dos republicanos, os reveses da queda de Porto Alegre, em 15 de junho de 1836, a neutralização das fortificações de Itapuã e ilha do Junco, acompanhada do auto-afundamento da esquadilha farrapa que os apoiava, como resultado de operação vitoriosa imperial sobre aquela posição, em 23 de agosto⁴⁸, 17 dias antes do Seival e, mesmo, a prisão de Bento Gonçalves e da Divisão do Centro, na ilha do Fanfa, em 4 de outubro, ou cerca de 25 dias da vitória do Seival.

Nestes últimos cento e cinquenta anos foi-se perdendo a noção da significação histórica do Seival e a sua projeção na quase centenária República que vivemos. Até hoje, insistimos, somente mereceu um estudo sério de reconstituição, de parte de Varela e, ultimamente, do general Morivalde Calvet Fagundes que procurou enxugar, sintetizar e melhor explicar, com apoio em Varela, o que teria se passado no Seival.

As fontes sobre o combate são falhas acerca de seus quase 1.000 participantes. Os próprios oficiais e sargentos que dela participaram e que em número de 52 foram signatários da Proclamação da República Rio-Grandense, têm tido seus nomes omitidos. Seria fonte básica e importante para aprofundar estudos e que estamos tentando lo-

calizar e explorar pela primeira vez.

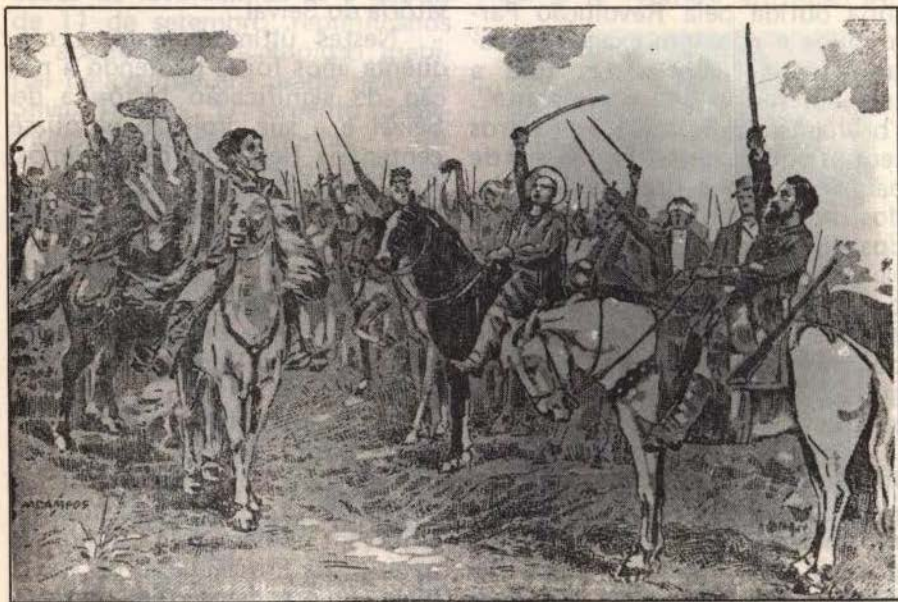
Quando da vitória do Seival, seguida da Proclamação da República Rio-Grandense, o território do Rio Grande era composto de 14 municípios: Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo, Santo Antônio, Cachoeira, Pelotas, Piratini, Alegrete, Caçapava, São José do Norte, Triunfo, Jaguarão, São Borja e Cruz Alta. (ver esboço nº 1).

Segundo Arthur Ferreira Filho:⁴⁹ "Somente Porto Alegre, Rio Grande e Vila São José do Norte" situadas em locais cercados por água e facilmente fortificados na parte terrestre "estavam em poder dos imperiais". Neste tempo todas as águas interiores já

eram domínio de Divisão Naval ao comando de Grenfell, a qual teve papel decisivo na prisão de Bento Gonçalves na ilha do Fanfa, cuja travessia devia ser feita em 4 lançes que incluíam 3 ilhas.

Os 52 signatários da Proclamação da República Rio-Grandense

Os autores que escreveram sobre a Revolução Farroupilha sistematicamente têm citado o texto da Proclamação que fora assinado por 52 oficiais e sargentos da Divisão Liberal. À procura de seus nomes recorremos, sem êxito, aos Arquivos Nacional, do Exército, do Itamarati, do Museu Histórico Nacional, da Biblioteca Nacional,



Proclamação da República Rio-Grandense em 11 de setembro de 1836 no Campo de Menezes pelo General Netto com apoio na sua Brigada Liberal vencedora de Seival. (Foto: TABORDA, a *Rev. em BAGÉ*).

Histórico do RGS, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Câmara de Piratini e Museu da Revolução Farroupilha, também em Piratini.

Recorremos a competentes pesquisadores. Sua descoberta seria reveladora. Aqui deixamos um desafio aos pesquisadores do assunto. Continuaremos na busca. Talvez a resposta se encontre no Uruguai.

A vitória do Seival à luz dos Princípios de Guerra e dos elementos da Manobra

A fiel observância dos Princípios de Guerra⁵⁰ têm explicado muitas vitórias militares, como a sua inobservância têm explicado muitas derrotas. Aplicando-os ao caso da vitória do Seival, conclui-se que eles foram observados por Netto, inconscientemente, por desconhecê-los, como também outros grandes capitães da História. Passemos a uma análise sumária desses princípios no Seival.

Princípio do Objetivo: Foi marcado como objetivo principal atacar a Ala Esquerda ao comando de Silva Tavares. Sobre ela foi conduzido o esforço ou ação decisiva. Apesar de mais forte e apoiada, à esquerda, em terreno difícil para os atacantes, ou não desbordável, ela cedeu à pressão do ataque revolucionário desde o início.

Princípio da Surpresa: Não foi caracterizada significativamente. Pode se considerar que a Ala Direita imperial foi surpreendida com lançamento da Reserva de Netto em direção a sua retaguarda,

através do significativo espaço que se formou entre as alas imperiais.

Princípio de Ofensiva: Pode ser caracterizada pela conquista e manutenção da iniciativa até impor a sua vontade ao adversário. Ou atacar, atacar sempre! A iniciativa do ataque esteve sempre com os revolucionários. Foram ao encontro dos imperiais a trote largo, coxilha do Seival acima. Descarregaram suas armas de fogo e a seguir passaram a carga a espada e a lança. Quando a situação não corria bem na Ala Esquerda que vinha sendo repelida, lançaram, pelo espaço aberto entre as alas imperiais, a Reserva sobre a retaguarda da Ala Direita imperial que aliviou a pressão sobre Netto, a desengajou e foi socorrer a Ala Esquerda. Liberta a Ala Esquerda revolucionária, ela se transformou numa Reserva e partiu de imediato para a luta. Daí por diante o Princípio da Ofensiva continuou bem observado. O número de baixas imperiais de 316/500 são um testemunho eloquente da aplicação do Princípio da Ofensiva. Caracteriza-o, também, o lançamento de uma fração da Ala Direita revolucionária em perseguição aos imperiais que procuravam escapar do campo da luta.

Princípio da Manobra: Através de movimentos rápidos e seguros colocar nossos meios em posição vantajosa, em relação aos do adversário.

Netto manobrou a trote largo, coxilha do Seival acima, para ficar face a face com o adversário. Mas o que caracterizou o Princípio da Manobra, foi o lançamento

oportuno da Reserva no espaço criado entre as alas adversárias e ameaçando a retaguarda da Ala Direita imperial que vinha obtendo clara vantagem sobre a Esquerda revolucionária ao comando de Netto. Esta manobra determinou o desengajamento da Direita imperial que partiu em auxílio da Esquerda, para evitar inclusive o isolamento das duas, o que não conseguiu. Princípio de Manobra atendido com o retorno ao combate da Esquerda revolucionária e com o lançamento de uma fração, desligada da Ala Direita revolucionária, em perseguição aos imperiais que conseguiram escapar da destruição em combate, na direção do rio Camaquã.

Princípio da Massa: Consistiu em ser mais forte no ponto decisivo ou no objetivo da operação. O objetivo da operação foi romper a Ala Esquerda imperial, ao comando pessoal do valente e bravo coronel Silva Tavares. E sobre ela foi conduzida a maioria dos meios, que desde o primeiro instante demonstraram nítida vantagem em que pese o adversário ter apoiado o flanco esquerdo num terreno impraticável à Cavalaria.

Princípio da Economia de Meios: Consiste na distribuição judiciosa e compatível dos meios disponíveis entre as ações Principal, Secundária e Reserva. E esta harmonia foi conseguida. A ação principal a cargo da Diretoria revolucionária sobre a Esquerda Imperial foi compatível quanto aos meios recebidos. A ação secundária conduzida sobre a Direita Imperial mostrou compatibilidade,

senão para obter vitória, pelo menos para fixá-la. A reserva foi compatível e quando empregada trouxe uma repercussão tática muito positiva que se constitui em ponto de inflexão a caracterizar a vitória certa.

Tanto a ação secundária como a reserva proporcionaram grande segurança à Ação Principal. A Ação Secundária, liberada da pressão inicial que sofreu, foi reforçar a Direita, como uma espécie de Reserva à Ação Principal.

Princípio de Segurança: Aí no Seival pode ser caracterizado pela Reserva mantida no início do combate e lançada no momento decisivo pela brecha entre as alas imperiais e diretamente sobre a retaguarda da Ala Direita imperial, que vinha levando nítida vantagem sobre a Esquerda revolucionária. Segurança caracterizada na fração encarregada da perseguição, de executar reconhecimentos prévios para prevenir surpresas, embora isto tenha possibilitado uma evasão maior, além do arroio Velhaco, limite para a perseguição.

Princípio da Simplicidade: Manobras e planos simples, transmitidos aos executantes, com clareza, precisão, concisão e facilmente entendidos. O plano de ataque foi simples. Duas alas atacantes dirigidas sobre as duas alas adversárias, dispondo de uma Reserva para ser lançada no momento oportuno. Os executantes, é fácil concluir, bem entenderam e executaram o plano.

Como exemplo de clareza, precisão e concisão na transmissão de

ordens, virou legenda esta ordem de Netto:

"Camaradas! Não quero ouvir mais um tiro!

A carga! A espada e a lança!"

Unidade de Comando: Foi exercida por Netto em toda a sua plenitude. A operação subordinou-se a ele. Houve disciplina intelectual. Netto apesar de recorrer à assessoria militar do experimentado ten cel Joaquim Pedro Soares, na definição do dispositivo de ataque e particularmente no emprego judicioso da Reserva, não perdeu sua autoridade e liderança incontestáveis. E ser assessorado por quem sabe é sinal de grandeza de um comandante. Tanto que hoje eles dispõem da assessoria chamada de Estado-Maior. Do lado imperial tem-se a impressão que o major Frederico Caldwell não conseguiu impor sua competente assessoria.

Tanto é que teria escapado de sua boca no momento em que os revolucionários iniciavam o ataque esta abalizada impressão:

"Netto vem para triunfar!"

E foi procedente a sua impressão. Não se tem notícia se o capitão Mazzarredo, que comandava em Bagé, em 1835, o 2º Regimento de Cavalaria de Linha, influenciou no dispositivo imperial.

Acerca da inobservância dos princípios de guerra pelos imperiais responsáveis pelo insucesso colhido deixo a análise ao leitor interessado, para ver como os princípios de guerra explicam as vitórias e as derrotas. Daí a importância de um comandante testar seus

planos e manobras à luz desses princípios.

Manobra e elementos

A manobra que culminou com a vitória do Seival, cujo objetivo foi romper a Ala Esquerda imperial e destruir o adversário a caracterizo:

Manobra Ofensiva, do tipo Central, na modalidade Ruptura (Penetração).

As direções do ataque das alas foram paralelas. Os meios foram repartidos pela Ala Direita, encarregada da Ação Principal, pela Ala Esquerda, encarregada da Ação Secundária e pela Reserva. A sua amplitude foi tática.

Esta manobra, quanto à modalidade, apresenta uma característica singular. Sendo o objetivo a ruptura da Ala Esquerda a arma branca, para dividi-la e criar flancos e sobre eles rebater os defensores, o que ocorreu foi inicialmente uma Penetração no espaço entre as alas imperiais, sem resistência nenhuma. Penetração conduzida sobre a retaguarda da Ala Direita, que se constitui num desbordamento de negativa repercussão tática para os imperiais. Penetração que criou condições para o rompimento da Ala Esquerda Imperial e a neutralização, por algum tempo, da Ala Direita. Seu idealizador, insisto, foi o cel Joaquim Pedro Soares que tem sido esquecido e desconhecido e cujo perfil aqui revelamos pela primeira vez, com apoio em documentos existentes no Arquivo do Exército.

História Militar, o alimento do cérebro de um Exército na Paz

O estudo da História Militar tem sido exaltado pelos grandes capitães da História, como de grande valor na formação dos grandes Generais.

Bento Gonçalves concluímos da sua grande dedicação à História Militar Romana. O estágio cultural militar que atingiu foi decorrência de sua vivência militar e de seu auto-didatismo em História Militar⁵¹.

Em Zeca Netto se observa um certo auto-didatismo em História Militar, da leitura de suas *Memórias* e objeto de comentário nosso na *Revista do Clube Militar* e jornal *Tradição*⁵².

O marechal Ferdinand Foch, comandante dos aliados na vitória na 1ª Guerra Mundial e inclusive de cerca de 23 brasileiros enviados à França para, combatendo, se atualizarem nas doutrinas vigentes, assim definiu a importância da História Militar:

"Para sustentar em tempos de paz o cérebro de um Exército e prepará-lo para a guerra não há livro mais fecundo em meditações do que o de História Militar"⁵³.

Como cérebro, Foch referia-se aos chefes, planejadores, pensadores e historiadores militares.

Napoleão já havia definido que "o conhecimento superior da Arte da guerra se adquire pela experiência e pelo estudo da História Militar. Eis aí um meio de fazer um grande general e aprender os segredos da Arte da Guerra"⁵⁴.

Sob a influência de Foch, ofi-

ciais brasileiros que combateram ao lado da França na 1ª Guerra Mundial (entre os quais se tornaram mais conhecidos por sua projeção Fernando Leite de Castro, José Pessoa Cavalcante, Tertuliano Portiguara, Rego Barros) e, mais a Missão Militar Francesa 1920-1939, convenceram o Exército Brasileiro a buscar na História Militar e Geografia Militar da América do Sul, as bases de suas táticas e estratégias, ou nas soluções táticas, estratégicas, logísticas e de engenharia humana isoladas nestes estudos.

Foi neste contexto que muitos oficiais do Exército se lançaram neste tipo de estudo, como o illustre general Augusto Tasso Frago. Ele estudou a Batalha do Passo do Rosário de 20 de fevereiro de 1827, precedida de um estudo introdutório, desde a fundação da Colônia do Sacramento. Aliás estudada de molde a esgotar o assunto, pelo cel Jonathas do Rego Monteiro que logo a seguir estudou a guerra do Sul 1763-1766. Tasso Frago estudou a Revolução Farroupilha, até hoje o melhor estudo militar sobre o assunto. Saltou a Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52, que mereceu de Genserico Vasconcelos excelente estudo e, estudou e escreveu sobre a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, 1865-70. Foi alvo de sua superior consideração a invasão francesa no Rio de Janeiro.

Outro grande estudioso foi Francisco Paula Cidade com *Lutas no Sul com espanhóis e descendentes* e *Notas de Geografia Sul-Americana* e com o clássico *Sínte-*

se de 3 séculos *Literatura Militar Brasileira*, entre outros.

Este período foi assinalado por diversos estudos biográficos de chefes militares.

Enfim todos procuravam inspirações na História Militar do Brasil para alimentar o cérebro do Exército na paz e prepará-lo para a guerra, com subsídios táticos, estratégicos e logísticos retirados da Arte Militar do Brasil, embutidos em quase 5 séculos de sua História Militar, assinalada por lutas internas e externas. O cérebro do Exército, referido por Foch, teria de retirar elementos para a construção do Exército do Brasil, grande nação ou potência, dando continuidade ao sonho de Caxias neste sentido, em 1861, ao adotar ordenanças de Portugal com adaptações que introduziu "até que se possuía doutrina genuína". E o esforço de Tasso Fragoso iniciado em 1822 foi seguido por muitos durante o tempo de influência da MMF (1920-39).

A História Militar é importante em sua dimensão crítica, à luz dos fundamentos da Arte da Guerra e inútil quando estudada descritivamente ou de forma memorativa, tendência fácil que tende a predominar dentro da lei do menor esforço:

Frederico o Grande que estudava criticamente toda a História Militar que lhe caía às mãos, ao perceber que o professor de seu filho lhe ensinava descritivamente e decorando datas e nomes o chamou a parte e disse:

"Não ensine História a meu filho como a um papagaio. Faça-o

raciocinar e tirar conclusões e lições".

Aí está a diferença entre a História Militar crítica conseqüente, para alimentar o cérebro de um Exército e a inconseqüente, descritiva e memorativa, que não leva a nada e desprestigia a História Militar tão exaltada pelos grandes capitães.

Esta dimensão tem predominado levando o estudo da História Militar ao desprestígio como cultura inútil. É lamentável.

E o caminho mais fácil. É preciso combatê-la.

E talvez a ela se deva o estágio atual da História Militar Crítica com poucos operários.

Ao estudarmos a História Militar do Brasil constata-se pelo menos dois momentos em que ela foi genuína e se impôs⁵⁵, como doutrina militar de inspiração brasileira.

Vale recordar! Nas guerras holandesas, a guerra levada a efeito pelos pernambucanos em especial era denominada "Guerra Brasílica". Ela seguia inspirações próprias que desconcertavam os holandeses então dotados da mais moderna Doutrina Militar que já havia superado a Doutrina Espanhola, na Europa.

O Brasil, no entanto, sob a égide da Doutrina Espanhola, no período de União das Coroas Ibéricas 1580-1640, conseguiu enriquecê-la com a Doutrina baseada nas Emboscadas e vencer e expulsar o invasor.

No Sul desenvolveu-se a Guerra à Gaúcha, segundo inspirações regionais. Por ocasião da Revolução

Farroupilha ela já possuía quase um século de desenvolvimento. Caxias reconhecendo sua existência e desconhecendo como combatê-la, inteligentemente recorreu a dois especialistas para combatê-la. Escolha que recaiu em Bento Manoel Ribeiro e Chico Pedro ou Moringue. (ten cel Francisco Pedro de Abreu).

Seguramente existirão em nossa História outros casos semelhantes que ajudarão a informar a Doutrina do Exército do futuro.

E isto, só o estudo crítico da História Militar do Brasil poderá revelar. E estudo feito sistematicamente por equipes habilitadas, o que hoje não se dispõe.

É esta a mensagem que procuramos aqui deixar neste estudo sobre o combate do Seival, que enriqueceu o Patrimônio Cultural Militar Terrestre do Brasil, construído em quase 5 séculos de lutas internas e externas, predominantemente vitoriosas que, ajudaram a delinear, definir e manter um Brasil de dimensões continentais.

Patrimônio cultural militar do Brasil à espera de um esforço de preservação e análise profunda visando dele isolar subsídios capazes de contribuir para a formulação da Doutrina do Exército Brasileiro, com progressivos índices de nacionalização, com apoio em suas experiências de quase 5 séculos em lutas internas e externas predominantemente vitoriosas. Insistimos.

Do estudo das grandes nações e potências guardamos a convicção que todas são igualmente grandes nações e potências militares com

doutrinas militares próprias ou expressivamente nacionalizadas.

Daí o caminho do Brasil grande nação, potência ou grande potência sonhada pelos brasileiros, transitar obrigatoriamente pelo de grande nação, potência, ou grande potência militar. Condição a atingir não só no domínio da Ciência Militar ou Tecnologia, mas no domínio da Arte Militar Brasileira que constitui o Patrimônio Cultu-



Aspectos dos lanceiros rio-grandenses imperiais e republicanos que lutaram em Seival em 10 de setembro de 36, num combate a espada e a lança. Muitos eram veteranos das guerras contra Artigas 1816-20 e da Guerra da Cisplatina 1825-28. De 1754-1836, por cerca de 80 anos haviam desenvolvido um tipo de guerra típica da região, chamada "Guerra à gaúcha", manifestação genuína da Doutrina Militar Brasileira, no Sul, como a Guerra de Emboscadas, chamada Guerra Brasileira na Europa, havia sido no Nordeste 1630-54. Caxias, o inspirador da Doutrina Militar do Brasil, em 1855, percebeu a realidade da Guerra à gaúcha e para combatê-la usou especialistas como Bento Manuel Ribeiro e Chico Pedro de Abreu. (Fonte: SALES, História de Bagé).



Lanceiro Negro Farroupilha integrante do Corpo de Lanceiros Negros em Pelotas em 12 de agosto de 1836 pelo Major João Manoel de Lima e Silva e que tiveram participação no combate do SEIVAL. (Fonte: BENTO. *O Negro na Sociedade do RGS*, 1976).

ral Militar Brasileiro embutido em quase 5 séculos desde o Descobrimento do Brasil, repetimos, de lutas internas e externas responsáveis em grande parte pelo delineamento, definição e manutenção de um Brasil de dimensões continentais.

Morte do legendário capitão Pedro Nunes Fagundes no combate do Seival

Pedro Nunes Fagundes era filho do patriarca de Herval do Sul — Bonifácio Nunes. Este por sua vez havia sido um dos destacados guerrilheiros do famoso brigadeiro Rafael Bandeira, "a primeira espada continentina", e herói legendário da guerra 1763-1776 que culminou com a expulsão dos espanhóis de São Martinho e Santa Tecla e Vila do Rio Grande em 1º de abril de 1776. Episódios que estudamos detalhadamente⁵⁶.

Os laços de admiração ao Império, estabelecidos desde o Brasil Colônia, quando D. Maria I prestigiou Rafael Pinto Bandeira que fora levado ao Rio preso, pesou nos ânimos dos familiares de Bonifácio Nunes. Isto, no sentido de fidelidade ao Império. De igual forma no major Marques de Souza, neto do grande fronteiro marechal Manoel Marques de Souza que substituiu Pinto Bandeira no comando da Fronteira do Rio Grande, que se estendia até o Jaguarão.

A reação da família Pinto Bandeira à revolução não deixou a menor dúvida. O único neto de Rafael, Diogo, filho do cel Vicente Ferrer da Silva Freire, foi morto por revolucionários junto com seu pai, em 26 de janeiro de 1836, em sua fazenda no rio dos Sinos, em São Leopoldo, por homens que atendiam ao Cabo Rocha⁵⁷.

Em Mostardas, tombou morto fuzilado, por ordem de Onofre Pires, um membro da família Pinto Bandeira — o capitão Francisco Pinto Bandeira⁵⁸.

O major Marques de Souza foi preso em Pelotas, em 8 de abril de 1836, e encarcerado na Presidência, em Porto Alegre, ao largo do Guaíba, onde apanhou um reumatismo que o fez sofrer pelo resto dos seus dias.

Isto serve para justificar a sinceridade do partido imperial, ou Camararu, adotado pelos familiares de Bonifácio Nunes, como o seu genro cel João Silva Tavares, e o seu filho Pedro Canga e outros parentes em Herval.

Pedro Nunes havia combatido na Guerra Cisplatina e se firmado por sua bravura entre os seus conhecidos. Aliás, segundo P. S. de Mallet Joubim, membros das famílias Tavares, Nunes, Fagundes e Medeiros se faziam presentes, com destaque, em todas as lutas externas, desde Bonifácio Nunes na Guerra 1763-1776 até o General Joca Tavares, seu neto, na Guerra do Paraguai e, por fim, na Revolução Federalista 1893-95. Foi ao neto de Bonifácio Nunes e filho do coronel Silva Tavares que como coronel tocou comandar a cena final da Guerra do Paraguai, em 1.º de março de 1870, em Cerro Corá. Isto ao dar a derradeira carga sobre o general Francisco Solano Lopes que foi lanceado pelo ordenança de Joca Tavares que passou a História como Cabo Chico Diabo ou José Francisco Lacerda, popularizado nesta quadra popular:

"O Cabo Chico Diabo deu cabo ao diabo do Chico" (Francisco Solano Lopes). A lança de Chico Diabo e seu retrato se encontram em Pelotas, no Museu Municipal.

Joca Tavares, com 18 anos, recorde-se, lutou e foi preso no Seival.

Perfil de Pedro Canga

Segundo Varela, Pedro Canga "era gaúcho de grandes artes no campo de batalha, como em torneios de música gauchesca pelas estâncias. Em improvisos de viola não possuía rivais"⁵⁹. Era tido e havido, desde a Guerra Cisplatina 1825-28, da qual participou ativamente, como "a primeira lança de sua época, além de dado a fabulosos rasgos de intrepidez".

Ainda no Seival salvou seu cunhado e líder Silva Tavares, ao lançar, de improviso, o seu cavalo que desenfrenado por um lanceiro que lhe cortara a cabeça do freio, deixou o combate em desabalada carreira.

Durante o combate sua lança vergou 4 ou 5 vezes, quase que inutilizada pelos muitos lançãos que desferiu feroz, a torto e a direito. Mas, calmo, blasfemando e dominando o inimigo com o olhar, endireitava a lança sobre a cabeça do lombilho e logo começava a "desferir terríveis, contínuos e devastadores lançãos", segundo ainda Varela.

Lutava do lado revolucionário Marcelino Nunes, não menos valente e façanhudo. Na Guerra Cisplatina 1825-28, além de parentes e inseparáveis amigos, competiam em bravura, coragem e intrepidez.

A revolução os colocou em partidos contrários. Ambos desejavam um encontro para provar qual o mais valente. Decidido o

combate e quando Pedro Canga vai abrindo a ferro o caminho da retirada, Marcelino Nunes percebeu e saiu a seu encalço. Pedro Canga aceitou o desafio. No momento que Marcelino se dirigia armado de lança, Pedro Canga atirou suas boleadeiras. o Cavallo de Marcelino, boleado, corcoveou e caiu no chão e lançou Marcelino fora da sela. Este, no afã de dominar seu cavallo deixara cair a lança. Pedro Canga de lança em riste avançou sobre Marcelino que recorreu a espada. Marcelino conseguiu aparar dois violentos lançamentos. O terceiro golpe quebrou sua espada junto ao corpo. A seguir Marcelino tombou sobre o certoiro e mortal lançamento no peito. Pedro Canga foi atingido mortalmente, a bala, pelos revolucionários e tombou morto ao lado do primo⁶⁰.

A lança de Pedro Canga foi recolhida como relíquia e foi por muitos anos guardada por seu sobrinho coronel José Facundo⁶¹.

Manuscrito pertencente à família Silva Tavares, diz que Pedro Canga era valente, mas cavalheiresco. Quando vencedor nunca o viram ferir um inimigo na perseguição. Divertia-se fazendo-o desmontar com a haste da lança. Quando isto ocorria ria a gargalhadas e quando o inimigo pedia para ser poupado ele o fazia prisioneiro⁶².

Pedro Canga lembra, de certa forma, um companheiro de seu avô do tempo em que eram comandados de Pinto Bandeira. Trata-se do gaúcho autêntico, natural de Rio Pardo, cabo José Maria Ro-

drigues, alcunha Corrupio. Este foi considerado o maior ginete de seu tempo. Dominava uma técnica de, ao montar um bagual, fazê-lo girar em torno de si, daí o apelido de Corrupio⁶⁷.

Quando Rafael Pinto Bandeira foi convidado para ir a Lisboa e lá ser homenageado e admirado por seus feitos militares pela Corte, levou como seu auxiliar o cabo Corrupio. Este teve oportunidade, na praça de Campo Pequeno, em Lisboa, de dar uma demonstração de suas habilidades, ao montar um potro bravio e obrigá-lo a executar quantos curripios desejou, sob aplausos calorosos da Corte.

De volta recebeu uma vasta porção de terras entre os arroios Santa Maria e Alegre, em Pinheiro Machado. Terminou perdendo tudo, depois da morte de Pinto Bandeira.

Mais tarde, antes da Guerra do Paraguai, numa de suas idas ao Rio para tratar de interesses de brasileiros no Uruguai, o vencedor do Seival, agora general Antônio de Souza Netto, proporcionou à Corte, na Quinta da Boa Vista, uma demonstração de equitação gaúcha que provocou grande admiração e aplausos dos assistentes.

Tratava-se de uma demonstração do maior cavaleiro Rio-Grandense⁶⁴, conforme tivemos oportunidade de abordar no *Diário Popular*, Pelotas 20 de setembro de 1985. Montou então um cavallo anglo-árabe segundo Eurico Sales em *História de Bagé*. Aliás autor que menciona que, em 1935, Joaquim Luiz Osório mandou cons-

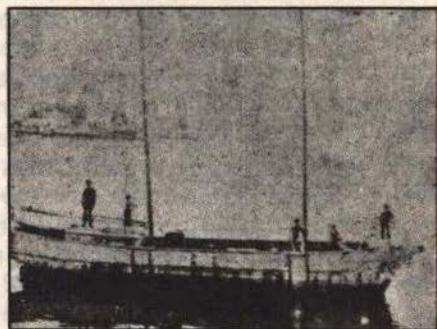
truir, no Seival, um Arco do Triunfo revela como veterano do Seival o revolucionário Vasco Marques, bem como o apelido de Florentino Manteiga ou Florentino Souza Leite, amigo de Bento Gonçalves e muitos outros dados valiosos sobre Bagé — a Rainha da Fronteira, que foi cenário do combate do Seival.

A morte do Major David Francisco Pereira

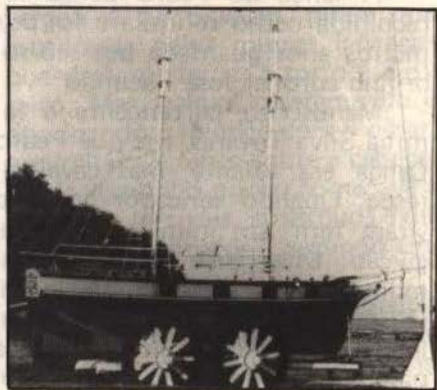
Segundo Innocência Pereira Nunes, neto do major David Francisco Pereira e sobrinho neto de Pedro Nunes ou Pedro Canga, e com apoio em testemunho que o general Netto transmitiu a seu pai de que foi amigo, o major David teve fim nas seguintes circunstâncias, segundo interpreto: Na iminência de ser desbordado e ver a situação difícil da Ala Esquerda partiu em seu socorro, deixando livre a Ala Esquerda revolucionária ao comando de Netto. Teve então de atravessar uma sanga afluente do Seival, após o que foi atingido por uma bala que lhe partiu a coxa e o desmontou. A seguir apoiando a mão esquerda num cupim empunhou a espada com a direita em posição defensiva, procurando defender-se da carga ao comando de Netto. Este sabendo da situação do major David correu ao seu encontro, apeou-se e pediu-lhe a espada. O major recusou-se entregá-la. Netto falou-lhe respeitosamente: "Coloque a espada na bainha e me dê o braço!" — "A minha dignidade não permite. Respondeu o major David!"

Netto desistiu e foi a procura de alguns prisioneiros para ajudá-lo. Um revolucionário que comandava um grupo que recolhia feridos e enterrava os mortos sem saber da intenção de Antônio Netto intimou o major David:

"Entrega a espada senão morre!"



Lanchão "Seival" construído no Rio Camaquã que levou a República e Santa Catarina em 1839, depois da épica transposição da Lagoa dos Patos, por terra, em carretas, até o Oceano Atlântico. (Fonte: FRAGOSO. *Revolução Farrapoilha*).



Réplica do Lanchão farrapo "Seival" homenagem da República Brasileira e do Exército em 1970 ao introduzi-lo no Parque Histórico Mal Manoel Luiz Osório, como homenagem à projeção do combate do Seival e do próprio barco, na concretização da República em 15 de novembro de 1889. (Fonte: BENTO, *A Grande Festa dos Lanceiros* — 1971).



Navio Patrulha Costeiro "PIRATINI" sediado em Belém, homenagem da Marinha de Guerra a República Rio-Grandense e a seu líder Bento Gonçalves da Silva. (Foto: Arquivo Carlos Norberto Bento 1º Ten Marinha).

O major respondeu-lhe com um golpe de espada vibrado no ar. Ato contínuo o soldado revolucionário disparou-lhe um tiro de clavicina, cuja a bala atravessou-lhe o peito e o fulminou.

Este gesto contado pelo próprio vencedor do Seival, tem impressionado vivamente historiadores como Paulino Jacques, Eurico Sales, Walter Spalding e Tarcísio Taborda que o tem difundido em suas obras a partir de Inocêncio Nunes, em 1911, no *Almanaque Literário e Estatístico do RGS*.

O major David era o comandante da Ala Direita imperial e não da Esquerda, esta comandada pelo próprio coronel Silva Tavares, conforme se conclui de Varela que

anализou com profundidade todas as fontes disponíveis.

Outras informações sobre Seival

Segundo Fernando Luiz Osório, na História do General Osório, os feridos do Seival foram recolhidos e tratados na casa de um irmão do major legalista Joaquim Menezes, em cujo campo — Campo do Menezes, foi proclamada a República Rio-Grandense. Serviram de enfermeiras senhoras de família que se comportaram como verdadeiras heroínas de Caridade⁶⁶.

Os Anais do Arquivo Histórico do RGS revelaram este interessante comprovante que os revolucio-

nários contaram com cavalos bons no Seival.

Teófilo Farinha em carta escrita em Jaguarão, em 11 de junho de 1838, a Domingos José de Almeida, reclama o pagamento de um empréstimo feito aos revolucionários antes da Proclamação da República e no valor de 780 patações.

E escreve a certa altura: "Não posso perder esta quantia, sabendo ter este dinheiro sido tão bem aplicado, pois o general Netto levou algum para a compra de cavalos que o ajudou a proporcionar o dia do Seival".

A projeção do combate do Seival em O POVO em 1838

O jornal *O Povo* pouco refere-se ao combate do Seival, como a 20 de setembro.

Na sua edição de 26 de setembro de 1838 ele publicou duas poesias, surgidas em Bagé, nas comemorações dos "memoráveis dias 10 de setembro (Seival) e 20 de setembro (ataque a Porto Alegre).

Sobre Seival escreveu sob o título:

Dedicado ao memorável 10 de setembro de 1836

Parabéns Continentinos
Eis o dia Soberano,
Em que no Seival soou
O grito Republicano

Eia, as Armas Patriotas,
Carácter, Honra e Dever!
Juramos no Altar da Pátria
Independência, ou morrer!

Embora sobre nós cahia
Do Estrangeiro, o poder. . .
Nos combates bradaremos
Independência, ou morrer.

E vós províncias irmanas,
Recordar vosso dever. . .
Proclamai Federação!
Independência, ou morrer!

Sim caros Compatriotas?
Vinde conosco aprender. . .
Bradar nos Campos de Marte.
Independência, ou morrer.

Se queres nossa União
Sem jamais, escravas ser,
As Armas! Federação!
Independência, ou morrer!

Firme em nosso juramento
Protestamos ao manter
Sábias Leis de hum Povo Livre!
Independência, ou morrer!

Este poema revela a importância maior dada na época, em Bagé, a projeção do 10 de setembro de 1836, assinalado pela vitória do Seival, relativamente a 20 de setembro, início da Revolução Farroupilha.

O 20 de setembro foi festejado com esta poesia bem inferior, em fundo, forma e tamanho.

Celebramos Patriotas!
Hoje o dia onipotente
Que da Férrea escravidão
Libertou, o Continente.

Não é bom Republicano
Quem não se expõe à morrer

Nos combates em defesa
Do Solo que o vio Nascer.

Tente embora escravizarmos
Imperial bando estrangeiro
Faremos nadar a Pátria!!
Em mar de sangue primeiro.

Quem não Zela o bem da Pátria.
Contra estrangeira potência,
He monstro e existir não deve,
Não debes ter existência.

As Armas Continentina,
Mostrai ser Nação potente,
Reconheça a Monarquia
Que somos Independentes.

O Continente era tradicional
nome do Rio Grande do Sul e con-
tinentinos os rio-grandenses.

Os imperiais eram considera-
dos estrangeiros.

Na poesia comemorativa da vi-
tória do Seival fica claro o apelo as
outras províncias no sentido de se
federarem ao Rio Grande.

NOTAS AO TEXTO

1. Citado por MEDEIROS, Manoel da Costa. *História do Herval*. Palegre. Munic. Herval, 1980 p. 101. Refere a pedido de Tarcísio Taborda de preservação do arvoredor Seival, assunto tratado no *Correio do Povo* de 23 set 1976.
2. *A Revolução Farroupilha*. Palegre, Martim Livreiro — Editor, 1985. p. 54 e *Notas para a História da Rev. Far.* Palegre, PUC, 1973, p. 51, nota 54.
3. Dr. José Araújo Ribeiro. Nasceu na Barra do Ribeiro, em 20 jul 1800. Estudou no Rio e depois em Coimbra, onde pertenceu a uma sociedade secreta — A Gruta, favorável a República do Brasil, segundo Fernando Osório em *a História do General Osório*. Antes de ser nomeado Presidente do Rio Grande que assumiu, em Rio Grande, em 15 de janeiro de 1836,

havia exercido cargos diplomáticos no EUA, na Inglaterra e na França. Presidira Minas Gerais, no segundo semestre de 1833. Foi abilíssimo. Acreditamos teria terminado por pacificar o Rio Grande não fora a inabilidade do marechal Antero Brito. Inabilidade caracterizada por Bento Manoel em ofício publicado em SPALDING. *A Epopéia Farroupilha*, Rio, Bibliex, 1963, p. 322 (Merece uma meditação). Foi senador pelo Rio Grande em 1845. Escreveu livro sobre Filosofia. Foi agraciado com o título de Visconde do Rio Grande por sua inteligente ação na revolução, ao reconquistar Rio Grande, a mais importante posição estratégica na Revolução, sem disparar um só tiro. Aliás fato até agora inexplorado, mas de grande alcance estratégico. É estudado por Olintho Sanmartim. Porto Alegre, Globo, 1940 (Separata dos *Anais III Congresso His. e Geogr. do RGS* e em *Imagens da História*. Palegre, 1951).

4. *História da Revolução Farroupilha*. Palegre, Martim Livreiro, 1985. p. 154 (Localização com apoio em Jorge Reis).
5. BENTO, História do Lanhão Farroupilha Seival e John Criggs o norte-americano líder do lanhão Seival. In: *A grande festa dos lanceiros*. Recife, UFPE, 1971 (Lançado na inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, em Recife).
6. Editada pela Faculdade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1971, com prefácio do professor Vasconcelos Sobrinho, grande ecólogo brasileiro. O trabalho antes havia sido publicado no *Diário Popular*, em Pelotas. Síntese biográfica de Bernardo Pires foi publicado no *Diário Popular*, Pelotas 20 set 1985.
7. OSÓRIO. *História do General Osório*. Rio, 1894. v. 1. p. 419. (Reeditado pelo Parque Osório e Curso Objetivo).
8. Antônio Rodrigues Fernandes Braga. Era filho do Rio Grande. É estudado em NEVES, Décio Vignóli. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande, Prefeitura 1983, bem como o seu irmão Pedro Chaves, um dos responsáveis pela radicalização, segundo o general Osório que foi por ele perseguido. Tem sido olvidado que Fernandes Braga foi nomeado pelo Regente Marechal Francisco Lima e Silva, pai do futuro Duque de Caxias e por interferência do seu irmão major João Manoel Lima e Silva, comandante do 8º BC, atendendo a representação de Bento Gonçalves, segundo se conclui de CASSOL et ABRÃO, *Caçapava — Capital Farroupi-*

lha. Palegre, Martim Livreiro, 1985, pp. 117. Rodrigues Braga segundo Fernando Osório, havia pertencido em Coimbra, junto com seu sucessor Araújo Ribeiro, à Sociedade Secreta Gruta, que de retorno ao Brasil lutariam pela República. Formava com eles o futuro Marquês do Paraná. Fernandes Braga, ao que tudo indica, deixou-se enredar pelo jogo dos radicais os "retrogrados imperiais e os esquentados republicanos" segundo se conclui do general Osório que foi vítima dos dois. Foi senador em 1870 e faleceu em 1875.

9. Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto (1775-1848). Natural do Rio Pardo, 7 abr 1775. Cadete dos Dragões do Rio Pardo, em 1791, sob o comando do grande fronteiro tenente coronel Patrício Corrêia Câmara. Participou das campanhas de 1801, 1811 e 1812 ao final da qual foi promovido a sargento-maior (major) (13 de maio de 1813). Na primeira guerra contra Artigas comandou o Regimento de Dragões nos combates de Carumbé e Catalan onde se distinguiu e foi promovido a tenente coronel. Em 1818 invadiu com seu regimento o Uruguai, onde se conservou até a derrota de Artigas em Taquarembó. Em 25 de julho de 1820 atingiu o posto de coronel do Regimento de Dragões, ao qual vinha servindo há 29 anos, dos quais 4 como seu comandante. Em 1821 comanda a Divisão Direita estacionada sobre a fronteira Brasil-Uruguai. Em 1822, com sua Divisão, participa do sítio do General D. Álvaro Costa, em Montevideu, onde penetrou em 12 de outubro de 1824, quando foi efetivado brigadeiro. Em 1825 estabeleceu seu QG em Salto e, em 19 de dezembro é o governador da Praça Montevideu.

Em 19 de janeiro de 1827, convidado pelo Marquês de Barbacena, assume, em Santana, o comando da 1ª Divisão de Infantaria do Exército do Sul.

No comando dessa Divisão tomou parte na indecisa Batalha de Passo do Rosário ou Ituzingó, de 20 de fevereiro de 1828. Foi sua Divisão a que mais sofreu. O ataque que ela desfechou, inicialmente sobre o Exército Republicano ao Comando de Alvear, foi dirigido pelo general Henrique Brown, Chefe do Estado-Maior de Barbacena. Depois da batalha foi nomeado Comandante Geral das Cavalarias. Em 26 de outubro de 1827 foi graduado marechal de Campo. Em 5 de fevereiro de 1829, depois da Guerra Cisplatina, assumiu o comando

do Exército do Sul que havia sido desmobilizado no ano anterior. Em 1830 nomeado sucessivamente Comandante-das-Armas de Pernambuco e São Paulo conseguiu, no Rio, assumir em lugar daquelas funções a de Comandante-das-Armas do Rio Grande que exerceu até a Revolução de 20 de setembro que o depôs. Encontrava-se, então, em sua estância de Taquarembó, próximo a Santana do Livramento. Foi obrigado a radicar-se no Uruguai. Eram seus inimigos o Barão de Serro Largo e marechal José de Abreu, morto em ação em Passo do Rosário e os coronéis Bento Gonçalves e Bento Manoel que ele substituiu dos comandos em Jaguarão e Rio Pardo e seus companheiros em Passo do Rosário. Sua derrubada foi um dos maiores objetivos da Revolução de 20 de setembro.

Em 15 de abril de 1837 reassumiu o comando-das-Armas mas foi completamente batido nos campos de Atanagildo, segundo Pretextato Maciel, depois de obter uma pequena vitória em 15 de junho de 1837, em Botucaraí.

Em 30 de abril de 1838, a Divisão que Comandava em Rio Pardo, no comando das Armas do marechal Antônio Elziário, foi fragorosamente derrotado no Combate do Rio Pardo.

Em consequência foi submetido a Conselho de Guerra do qual foi absolvido.

Em 2 de dezembro de 1839 foi efetivado marechal-de-campo, Presidiu Minas Gerais de agosto de 1840 — a abril de 1841.

Faleceu em Porto Alegre, em 22 de dezembro de 1848.

Aí está pois o perfil do homem para cuja derrubada foi feita a Revolução de 20 de setembro.

Seu perfil é mais o de um político do que o de um profissional militar. Do ponto de vista operacional nada é relevante. Talvez tenha se imposto por seu radicalismo simpático às elites do Leste, mas que afrontavam os interesses de seus co-estaduanos, em cuja memória não ocupa um lugar de simpatia.

O perfil operacional do Marechal Barreto bem como dos demais que antecederam Caxias, a excessão do coronel Bento Manoel Ribeiro, não eram ideais para combater a Revolução Farroupilha, conforme muito bem assinalou Osório, que inclusive lutou na fase inicial da Revolução, antes do Seival, para a derrubada do Marechal Barreto e que foi perseguido pelo Marechal Elziário ao ponto

de quase interromper sua carreira. Disse Osório, já do alto de sua autoridade de herói popular nacional ao explicar a duração da Revolução tendo entre outras causas "a falta de habilitação dos generais aos quais entregou a direção da Guerra", a exceção de Caxias "que teve o bom senso de não se deixar dirigir pela Corte. Cercou-se de um pessoal capaz. Deu o comando das forças aos que conheciam o gênero de guerra todo peculiar do Sul" (Ver *História General Osório* p. 420). E no rol dos que antecederam Caxias se inclui os generais Antero Brito, Elzário Miranda Brito, Manoel Jorge Rodrigues, Francisco Soares Andréa (o mais experimentado), Santos Barreto e o Conde do Rio Pardo.

Na maioria eram portugueses ou engenheiros militares ou com uma experiência operacional nos primeiros postos na Península Ibérica. Constatar o que Osório concluiu é obra de simples verificação que tive oportunidade de fazê-lo e registrar em notas, em obra a editar, focalizando o desenvolvimento estratégico da Revolução e o perfil de Bento Gonçalves. Os dois rio-grandenses que combateram os farrapos Marechais Barreto e Antero de Brito tiveram comportamento desastroso que concorreram para a eclosão da Revolução e para o seu prolongamento por mais 7 anos, quando ela estava prestes a ser delibada, pela ação combinada de Araujo Ribeiro e Bento Manoel Ribeiro. É eloquente a carta deste último ao Comandante de Armas, Chagas Santos, publicada por SPALDING. *Epopéia Farrroupilha*. Rio, Bibliex. 1963 pp. 326-327. Ela talvez justifique Bento Manoel em sua passagem pela segunda vez para o lado da Revolução.

10. Dr. Marciano Pereira Ribeiro. Era mineiro. Estudou Medicina em Edimburgo-Escócia. Era Liberal. Foi eleito à Assembléia Provincial do Rio Grande. Deposto o Presidente Fernandes Braga foi colocado em seu lugar pela Revolução. Exerceu a Presidência da Província sozinho durante 3 meses e 25 dias e, compartilhada com o Presidente Araujo Ribeiro que tomou posse em Rio Grande, durante 5 meses, até ser preso em 15 de junho de 1836 e ser enviado ao Rio para a Fortaleza de Santa Cruz. Portanto, Presidente da Revolução Farrroupilha durante quase 9 meses.

Libertado da prisão retornou ao Rio Grande do Sul quando radicou-se em São Gabriel onde faleceu em 4 de março de 1840. Buscas procedidas para localizar seu túmulo a nosso pedido e leva-

das a efeito por Osório Santana Figueiredo resultaram infrutíferas.

O estudo em "Mineiros na Revolução Farrroupilha". *Folha do Sul*, Itajubá, 22 de junho de 1985, comunicado ao IHGB e também publicado na mesma época no *Diário da Manhã* de Pelotas — RS. Focalizamos além, os mineiros Domingos José de Almeida (que estudamos no RIHGB). José Pinheiro Ulhoa Cintra, Filho de São João Del Rey (estudado por CASSOL e ABRAO. *Capaça*. . . Palegre, Martim L. E., 1985), cel José da Silva Brandão (mineiro de Ouro Preto). Não mencionamos aí o maestro José Mendanha autor do Hino da República Rio-Grandense que estudamos em *O Negro na Sociedade do RGS*. (Palegre, IEL, 1975) e agora acabamos de descobrir o mineiro, segundo conclui de Almeida, Francisco Ferreira de Freitas que fundou em Canguçu e da qual foi o primeiro venerável, a Loja Maçônica Fidelidade e Esperança. Loja que foi freqüentada por Bento Gonçalves e pelo tenente coronel Francisco José da Rocha, grau 30 na Maçonaria e que libertara Bento Gonçalves do Forte do Mar, na Bahia. Segundo se conclui dos *AAHRS* dv. Francisco da Rocha mbrou em Canguçu lá pelos anos 40-41 onde foi Chefe de Polícia. E Francisco Ferreira Freitas é recebido pelas mais altas autoridades republicanas com toda a consideração decorrente, seguramente, de sua importância na Maçonaria. Até então era tido como fluminense.

11. Foi general da República e Brigadeiro do Império. Natural de Sorocaba veio criança para o Sul. Fez carreira militar brilhante nas Milícias e fortuna como estancieiro sendo que depois da Independência, em Quarai, na Região do Cerro do Jarau. Foi a mais brilhante espada do seu tempo. Na Revolução Farrroupilha foi personagem discutida. Lutou inicialmente do lado farrroupilha depois do lado imperial, novamente do lado farrroupilha e depois de um período de neutralidade terminou lutando do lado imperial, sob o comando de Caxias.

Em realidade sempre levou a vitória para o lado que defendia. É uma figura singular que acabamos de estudar para obra projetada *O Exército farrapo e os seus Chefes*. Embora se, extremamente discutível do ponto de vista político e psicológico, indiscutivelmente foi a maior espada da Revolução Farrroupilha, no tipo de guerra característico da região, chamada por Hélio Moro Marante de "Guerra à Gaúcha" na obra *Farra-*

pos Guerra à Gaúcha. Porto Alegre, Martim L. E., 1985. Caxias consciente da existência dessa guerra que ele não conhecia, convidou Bento Manoel para ajudá-lo, bem como a outro expoente da mesma, o coronel Francisco Pedro de Abreu ou Moringue. Bento Manoel até hoje tem sido ridicularizado por suas atitudes que encontraram defensores do garbato de Souza Doca e Oswaldo Aranha.

Está a merecer um julgamento sereno pelo Tribunal da História, SPALDING. *Epopéia Farrroupilha*, publica carta sua explicando porque prendeu o marechal Antero de Brito no passo Itapevi, em Alegrete.

Merece ser meditada!

12. A iniciativa de Bento Manoel em apoiar Araujo Ribeiro é descrita pelo então deputado Sá Brito em suas *Memórias*. Bento Manoel, fingindo-se doente, recusou votar na Assembléia Legislativa. Acreditou um plano com Araujo Ribeiro para que tomasse posse em Rio Grande e enquanto ele partia para o interior a mobilizar meios militares. E foi o que se passou. Cada um fez muito bem a sua parte. Araujo Ribeiro firmou-se em Rio Grande de modo incruento. Quando os revolucionários se deram conta, ela já era uma base naval e terrestre imperial inepugnável.

13. João Manoel de Lima e Silva. Era major comandante do 8º BC em Porto Alegre. Era irmão do Regente Mal Francisco de Lima e Silva, pai do mais tarde Duque de Caxias e portanto primo deste. Participou do 20 de Setembro. Com a passagem de Bento Manoel para o lado imperial assumiu o Comando-das-Armas da Revolução. Concentrou fortes meios em Pelotas para reconquistar Rio Grande. Proclamada a República dirigiu-se a Piratini onde foi promovido a general da República, antes mesmo de Bento Gonçalves. Pouco mais tarde internou-se no Uruguai a procura de tratamento para ferimento grave. Retornou mais tarde, sendo destacado para São Borja onde foi assassinado.

Exumado foi solenemente sepultado em Caçapava. Acabamos de estudá-lo para obra *O Exército Farrapo e seus Chefes*. Acaba de ser estudado por WIEDRSPHAN. *O General farrroupilha João Manoel de Lima e Silva*. Palegre, Martin L. E., 1985.

14. REICHARDT, Canabarro. *Bento Gonçalves*. Palegre, Ed. Globo. 1932, p. 210.
15. João Pascoe Grenfell (1801-1869). Inglês nascido no condado de Surrey, esteve a

serviço da Marinha do Brasil de 1824-1852. Lutou na Guerra Cisplatina 1825-27, na Revolução Farrroupilha 1836-45 e na Guerra Oribe e Rosas 1851-52. Na Revolução Farrroupilha como Chefe de Divisão, Comandante das Forças Navais na Província do Rio Grande, conseguiu a partir de Rio Grande estabelecer a supremacia naval imperial sobre todas as águas interiores da Província. O estudamos em *Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS*. Palegre, IEL, 1975, pp. 196-200. No dia 20 de maio de 1837 Grenfell conseguiu celebrar um Armistício com os republicanos pelo qual o canal São Conçalo serviria de limite entre os beligerantes. Este Armistício teria sido rompido pelo coronel Silva Tavares e ido águas abaixo. É um ponto da história a ser esclarecido.

Grenfell teria sido taxado pelos radicais imperiais por esta tentativa de "traidor e infame estrangeiro". Teriam inclusive os mais exaltados pedido a sua morte. Isto dá a medida da radicalização "dos retrógrados imperiais e dos esquentados republicanos" os quais que fizeram a revolução prolongar-se por 10 anos a despeito dos desejos de paz da maioria. Aqui aplica-se uma variante de afirmação de Joaquim Nabuco — "Não se pode fazer uma revolução sem os exaltados, mas não se pode governar com eles". Que poderia ser completa, mas também não se pode combater uma revolução sem os exaltados e radicais, mas não se pode governar com eles. E como o então tenente, capitão e major Manoel Luiz Osório foi vítima deles na Revolução Farrroupilha, classificada de "seu mártir militar", o descreve o filho na *História do General Osório*.

16. Estudamos este particular em *Canguçu reencontro com a História*. Palegre, IEL, 1984. Era capítulo pouco conhecido em nossa História Militar.
17. Ver WIEDRSPHAN. *General João Manoel*. . . Palegre, Martim L. E., 1985. p. 115. Estudo os Lanceiros Negros. In: *O Negro na Sociedade do RGS*. (Palegre, IEL, 1975) e em *A Grande Festa dos Lanceiros*. Recife, UFPE, 1971. MARIANTE, Hélio Moro. *Farrapos Guerra à Gaúcha*. Palegre, Martim L. E., 1985, fornece interessantes achegas ao tema.
18. Na frente deste passo se decidiu a guerra de 1801, no Rio Grande. Ele foi atravessado em 1812 pelo Exército Pacificador de D. Diogo de Souza. Possuía o nome de N. S. da Conceição do Jaguarão e tem sido confundido como localidade de Jaguarão, então Serrito do Jaguarão.

19. SOUZA, Álvaro Tavares de. *Cel João da Silva Tavares de...* Rio, SGeEx, 1970. p. 22.
20. Calderón era oriental a serviço do Brasil. Lutou na Batalha do Passo do Rosário ao comando de Bento Gonçalves. José dos Santos Loureiro era chefe legalista na região das Missões. Foi batido pelo coronel João Antônio da Silva, por Canabarro e Jacinto Guedes, em 11 de setembro, dia da Proclamação da República Rio Grandense, segundo Arthur Ferreira Filho *História Geral do RGS*. Palegre, Globo, 1978. 5ª ed. p. 95.
21. MEDEIROS. *História do Herval*. Palegre, Herval, 1980, p. 101.
22. VARELA. *História da Grande Revolução* v. 1, p. 199.
23. ALMEIDA, David. *História de Piratini*. Pelotas, EDDA, 1963.
24. Ver estudos de nossa autoria sobre Teixeira Nunes em *A grande Festa dos Lanceiros*. Recife, UFPE, 1971 e *Canguçu reencontro com a História*. Palegre, IEL, 1984 e *Diário Popular*. Pelotas, 20 de setembro de 1985.
25. FRAGOSO, Augusto Tasso, gen. *A Revolução Farroupilha*. Rio, Bibliex, 1939. p. 430.
26. OSÓRIO, *História do General Osório*. Rio, 1894, v. 1 p. 321 (Edição do Parque Histórico Osório reproduz esta edição).
27. SOUZA, Álvaro Tavares de. *Coronel João da Silva Tavares*. Rio, SGeEx, 1970 o estudo. Tarcísio Tabora também o estudou nos anos 70. Alfredo Rodrigues o estudou no *Almanaque Literário e Estatístico do RGS* anos de 1904, 1907, 1908 e 1909.
28. *Diário Popular*. Pelotas, 20 de setembro de 1985 (Publicamos sua biografia, resultado de pesquisas).
29. O estudo em *Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS* (Palegre, IEL, 1975, pp. 189-196).
30. CALDEIRA, Apontamentos para Rev. Far. *RIHGRS*. 27, 1927.
31. *Anais do Arquivo Histórico do RGS*, v. 3, p. 732 (Aliás marcante a contribuição de Moacyr Domingues no Arquivo Histórico do RGS que permitiu-nos significativos avanços nos estudos sobre a Revolução Farroupilha. Isto não poderia deixar de aqui ser ressaltado).
32. Ver sua biografia p. cit. nota 6, de nossa autoria e *Diário Popular*, Pelotas, 20 de setembro de 1985 em que o estudamos como o simbolista farrapo.
33. VARELA. *História da Grande Revolução* cita diversas vezes este depoente.
34. Idem nota 7. Vários autores tem repetido a frase com algumas variantes desde então. Varela, Frago e Arthur Ferreira Filho.
35. Idem nota 19 p. 24. (Diz que "menos de 30 conseguiram escapar do desastre, inclusive Silva Tavares").
36. Idem nota 33, p. 202.
37. Idem nota anterior p. 206.
38. Idem, Idem.
39. ARARIPE. Guerra Civil do RGS. *RIHGB*, tomo 43, 1888, p. 148. Esta obra mereceu crítica do brigadeiro José Gomes Portinho e que reproduzi ao biografá-lo no *Jornal do Povo*. Cachoeira do Sul, de 22 de setembro de 1985. Convém levar em conta suas equilibradas e sensatas observações que corrigem vários erros consagrados como verdades.
40. Idem nota 22, p. 206.
41. Idem nota 21, p. 101.
42. Idem nota 19, pp. 23-24. Parece que houve um equívoco nesta obra, de confundir-se os comandantes das alas imperiais. A esquerda estava com Silva Tavares e a direita com David Pereira. O arroio Bellaco a que refere é Velhaco, possível erro de impressão.
43. Transcrito de SILVA, Pretexato Maciel de *Os Generais do Exército Brasileiro*. v. 2, p. 119.
44. Idem nota 22, p. 206.
45. Idem nota 6.
46. *Revolução Farroupilha*. Palegre, Martim L. E., 1985, p. 55.
47. *Revolução Farroupilha em Bagé*. Bagé, Fumba, 1985. Trabalho em que nos baseamos para descrever a Revolução, em Bagé, no *Diário Popular*, Pelotas, 20 de setembro de 1985.
48. FERREIRA, Filho. *História Geral do RGS*. Palegre, Globo, 1977. p. 45.
49. Idem Moacyr Flores, nota 46 que trata com detalhes esta operação, bem como reportagem de Nelson Mariano em *Zero Hora*, Porto Alegre, 19 de março de 1985, pp. 34 e 35 que procura localizar barcos que farrapos afundaram, em 23 de agosto de 1836, para que não caíssem em mãos dos imperiais. Relata o trabalho dos pesquisadores Cary Valiz, Flávio Levi e Darci Ribeiro. Abordamos o assunto ao tratarmos de Grenfell e Parker na op. cit nota 15.
50. Idem nota 47, p. 98.
51. BENTO, Claudio Moreira. Fundamentos da Arte de Guerra. In: *Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro*. Brasília, EME, 1978, pp. 60-81. (Índice Princípios de Guerra e Elementos de Manobra, etc.).
52. Bento Gonçalves da Silva. *Diário Popular*, Pelotas, 17 de novembro de 1985.

53. *Revista do Clube Militar* jan/fev 1984, pp. 21.23 e *Jornal Tradição* 1984.
54. Idem nota 50, p. 21.
55. Idem nota anterior.
56. No Nordeste tivemos oportunidade de estudar detalhadamente as Guerras Holandesas e sobre elas produzimos estudo *As Batalhas do Guararapes — Análise e Descrição Militar*. Recife, UFPE, 1971. 2 v. De retorno produzimos na *História do Exército*. Brasília, EME, 1972, 3 v, o capítulo referente as guerras holandesas. E introduzimos estas considerações doutrinárias no op. cit nota 50, pp. 187-202.
No Sul temos estudado sua História desde a fundação da Colônia do Sacramento até a Revolução de 1924-26, onde a Guerra à Gaúcha está evidente e predominante, inclusive na Coluna Prestes, segundo conclui de O'DONNEL, Fernando.
57. A Guerra da Restauração do Rio Grande. In: *Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande*. Rio, IHGB, IGHMB, 1979. v. 2.
58. FELIZARDO, Cel Vicente Ferrer. . . in: *Anais do Congresso de História da Bahia*. Salvador, Graf. Beneditina, 1950.
59. Idem nota 26 em que é descrita a circunstância muito negativa para Onofre Pires. Arthur Ferreira Filho aborda o assunto *História Geral do RGS*. 5 ed. p. 94.
60. VARELA. *História da Grande Revolução*. v. 1 p. 199.
61. Idem nota anterior, p. 59.
62. Idem nota 19, p. 221.
63. Idem nota 31, p. 101.
64. Idem nota anterior, p. 10.
5. IDEM. Bernardo Pires. In: *Símbolos do RGS, subsídios para revisão histórica, tradicionalista e legal*. Recife, UFRPE, 1971.
6. IDEM. Cel Joaquim Teixeira Nunes. In: *Canguçu reencontro com a História*. Palegre, IEL 1984.
7. IDEM. História do Lanchão Farroupilha "Seival". In: *A grande festa dos Lanceiros*. Recife, UFPE, 1971, pp. 46-51.
8. IDEM. Corpo de lanceiros negros farroupilha In: *O negro e descendentes na sociedade do RGS*. Palegre, IEL, 1975, pp. 165-173.
9. IDEM. Ten Gen João Frederico Caldwell. In: *Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS*. Palegre, IEL, 1975, pp. 187-193.
10. IDEM. A Zona Sul do RGS na Revolução Farroupilha. *Diário Popular*, Pelotas, 20 de setembro de 1985.
11. IDEM. José Mariano de Mattos. *Diário Popular*, Pelotas, 20 de setembro de 1985.
12. IDEM. Manoel Lucas de Oliveira. *Diário Popular*, Pelotas, 20 de setembro de 1985.
13. IDEM. General Antônio de Souza Netto. *Diário Popular*, Pelotas, 20 de setembro de 1985.
14. IDEM. Cel Joaquim Pedro Soares, estudo inédito do livro em preparo *O Exército farrapo e seus Chefes*.
15. CALDEIRA, Manuel Alves da Silva. Aparentamentos sobre a Rev. Far. *RIHGRGS*, nº 27, 1927.
16. FAGUNDES, Morivalde Calvet. Vitória no ideal federativo in: *História da Revolução Farroupilha*. Palegre, Martim Livreiro, 1985, pp. 151-156.
17. FARINHA, Teodolindo. Carta a Domingos José de Almeida de Jaguarão, 11 de junho de 1838. In: *Anais do Arquivo Histórico RGS*. v. 8, pp. 143-144.
18. FERREIRA FILHO, Arthur. *História Geral do RGS*. Palegre, Ed. Globo, 1985.
19. FLORES, Moacyr. *Revolução Farroupilha*. Palegre, Martim Livreiro, 1985, 2ª ed.
20. JQUES, Paulino. Combate do Seival. In: *A Guerra dos Farrapos*. Rio, Rifer Editora, 1959 (pp. 135-142).
21. MACIEL, Salvador José, mal. Apontamentos sobre os meios de Defesa do Rio Grande e pontos onde levantar fortificações de 2ª e 3ª ordens referências. In: *Anais da Biblioteca Nacional* nº 99, 1979, nº 524, p. 850.
22. MEDEIROS, Manoel da Costa. *História do Herval*. Palegre, Prefeitura do Herval, 1980, p. 377.
23. NUNES, Bonifácio Inocência. Combate

FONTES CONSULTADAS

1. ABREU, Antônio Paulino Limpo de. Ofício narrando ataque à ilha do Fanfa referência in: *Anais da Biblioteca Nacional* nº 99, 1979, mss 506, p. 82.
2. ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL. 75 manuscritos sobre a Revolução Farroupilha nºs 477-552. v. 99, 1979, pp. 78-89 (merecem destaque por seu valor os nºs 502, 506, 512, 521, 524 e 549).
3. ARARIPE, Tristão de Alencar. Guerra Civil no RGS. *RIHGB*, 1881.
4. BENTO, Claudio Moreira. Revolução Farroupilha Desenvolvimento Estratégico. *Diário Popular*. 20 de setembro de 1985 e *Defesa Nacional*. 1º sem 1986 (Conferências nos IGHMB, IGHGB, IHGRGS (19 set 85), IHGPel (20 set) e Cenáculo de Artes e Letras — RJ).

- do Seival. In: *ALERGS*, 1911, pp. 199-201.
24. OSÓRIO, Fernando Luiz. *História do General Osório*. Rio, Leuzinger, 1984. v. 1 p. 19.
 25. PONTES, Rodrigo de Souza e Silva. *Memória Histórica sobre as causas ... de 20 de setembro em Porto Alegre*. ref. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. nº 91, 1979, pp. 89 mn nº 549.
 26. PROJETO PRÓ-MEMÓRIA FARROUPILHA (Promoção da RBS e Banco Bamerindus) 1985.
 27. RODRIGUES, Manoel Jorge, ten gen. Correspondência com a Corte jun 1840 - ago 1841. Referência. In: *Anais Biblioteca Nacional*, nº 99, 1979 mss 522, p. 85 (Notícias sobre os combates de São José do Norte e Taquari).
 28. IDEM. Ordens do Dia e avisos 7 mar - 1 ago 1840. Referência. In: *Anais Biblioteca Nacional*, nº 99, 1979 mss 521, p. 84 (O Arquivo do Exército possui índice onomástico elaborado por Gastão ABBOTT).
 29. SALIS, Eurico Jacinto. *História de Bagé*. Palegre, Ed. Globo, 19 (pp. 60-61 - Seival).
 30. SÃO LEOPOLDO, Visconde de. *Memórias sobre a Revolução Farroupilha 1840-46 inclusive*, referência. In: *Anais da Biblioteca Nacional*, nº 99, 1979 mss 523, p. 85.
 31. SOUZA, Alvaro T. Soares de. *Cel João da Silva Tavares*. Rio, SGeEx, 1970, pp. 22-23 (Seival).
 32. TABORDA, Tarcísio. *Bagé na Revolução Farroupilha*. Bagé, Fumba, 1985.
 33. VARELA, Afredo. *A História da Grande Revolução*. Palegre, Globo, 1933, 6v (Era o mais completo estudo sobre o combate do Seival).



O Cel Cláudio Moreira Bento, além dos cursos da AMAN, EsAO e ECEME, possui o de Analista da EsNI e pesquisador de História das Forças Terrestres Brasileiras pelo EME. Comissões Principais: Adjunto do Estado-Maior dos IV Exército, II Exército, Estado-Maior do Exército e Assessor do DEC. Instrutor de História Militar da AMAN e ex-Comandante do 4º BE de Combate em Itajubá - MG. Adjunto da Comissão de História do Exército Brasileiro. Membro do Instituto Histórico e

Geográfico Brasileiro, Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e congêneres de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Santa Catarina e cidades de São Leopoldo e Pelotas. Membro da Academia Brasileira de História e Academia Sul-Rio-grandense de Letras. É sócio efetivo da Associação dos Velhos Jornalistas do Rio de Janeiro. É atualmente Diretor do Arquivo do Exército. Preside a Comissão de Pesquisas Básicas de História de A Defesa Nacional. Condecorações: Cavaleiro da OMM, Medalhas de Ouro, do Pacificador, da Inconfidência, Santos-Dumont e do Sesquicentenário da PMSP. Principais Trabalhos Publicados: As Batalhas dos Guararapes, Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RGS e o manual Como Estudar e Pesquisar a História do Exército, publicado pelo EME. Participou da pesquisa, elaboração e edição das obras História da Doutrina Militar e Militar do Brasil, editadas pela AMAN em 1979-1980. Seu último trabalho - A História do Brasil através de seus Fortes - foi distribuído como brinde pela GBOEx. Atualmente preside o Instituto de História e Tradições do RGS e desenvolve projeto sobre a POUPEY sobre a História das Escolas de Formação de Oficiais das FFAA do Brasil (1792 - Atualidades).